

2023

**MARIA CARLOS
RIBEIRO**

**O EFEITO PREDITOR DOS ESTILOS PARENTAIS,
DOS ESTILOS DE VINCULAÇÃO E DO ESTATUTO
SOCIOECONÓMICO DOS PAIS NAS
COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS**

2023

**MARIA CARLOS
RIBEIRO**

**O efeito preditor dos estilos parentais, dos estilos de
vinculação e do estatuto socioeconómico dos pais nas
competências socioemocionais**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e
Tecnologia da Universidade Europeia, para cumprimento
dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em
Psicologia Clínica e da Saúde realizada sob a orientação
científica da Doutora Liliana da Costa Faria, Professora
auxiliar da Universidade Europeia

“Viver é ter fome. Fome de tudo. De aventura e de amor, de sucesso e de comemoração de cada um dos dias que se podem partilhar com os outros. Viver é não estar quieto, nem conformado nem ficar ansiosamente à espera.” – **Joaquim Pessoa**

agradecimentos

Todos nós, enquanto seres humanos, somos produto de um conjunto de fatores que influenciam quem nos tornamos. Certamente as pessoas que nos rodeiam contribuem para o nosso desenvolvimento e posterior caminho da vida enquanto seres. Por essa razão, devemos estar gratos quando aqueles que nos envolvem, fazem a diferença e nos transformam positivamente.

Em primeiro lugar, gostaria de enaltecer um enorme obrigada à professora orientadora desta dissertação, pelo trabalho incansável desenvolvido ao longo destes meses e por acreditar sempre no meu potencial. Para além disso, este trabalho deve-se também aos meus professores de licenciatura pelo entusiasmo que dedicavam às suas aulas e ao prazer que demonstraram pela área, tendo sido motivador para prosseguir esta área bem como aos meus professores de mestrado pela transmissão de todo o seu profundo conhecimento, que contribuiu para a minha aquisição de competências.

A nível pessoal, quer agradecer às minhas amigas de licenciatura, mais concretamente, Ana, Francisca, Helena, Maria e Marta, uma vez que não só foram minhas colegas, como são até aos dias de hoje, as minhas companheiras de vida com quem partilhei e partilho momentos de alegria, tristeza, apoio, trabalho árduo, descontração e lazer. Gostaria também de dedicar umas palavras de agradecimento às minhas amigas de mestrado, Inês e Júlia, por todo o companheirismo, entajuda, conversas profundas e partilha de conhecimento, a quem desejo o maior sucesso.

Devo também esta dissertação ao Bernardo, uma vez que neste último ano, foi sem sombra de dúvidas o meu porto seguro e quem mais me apoiou, animou e cuidou de mim. Por mais difícil que tenha sido lidar comigo em certas alturas de stress e emoções negativas em mim presentes, nunca desistiu de mim e lutou sempre pelo meu bem-estar, demonstrando-me aquilo que é o amor incondicional.

Por último, considero fulcral agradecer à minha família e em especial aos meus pais, pois sem eles, a realização deste trabalho bem como a concretização do meu percurso académico não teria sido possível. Estou certa de que todo o carinho, apoio e esforço para me presentear com a melhor vida possível, mesmo sacrificando a deles, não terá agradecimento suficiente nesta dissertação. Quero também agradecer ao meu irmão por me ter ajudado a caminhar, onde sempre me guiou para o melhor trajeto para mim e tentou amparar-me nos momentos mais frágeis

palavras-chave

Estilos Parentais; Competências Socioemocionais; Adultos; Estatuto Socioeconómico; Estilos de Vinculação

resumo

Existe evidência que demonstra a relação entre estilos parentais e competências socioemocionais em crianças e adolescentes, porém poucos estudos existem na população adulta acerca desta temática. Desta forma, o presente estudo tem como principal objetivo colmatar essa lacuna e analisar o efeito preditor dos estilos parentais, estatuto socioeconómico e estilos de vinculação nas competências socioemocionais.

Este estudo apresenta uma metodologia quantitativa, descritiva e correlacional de carácter transversal com recurso a um questionário através da plataforma Jotform, onde se obteve uma amostra de 153 participantes, dentro dos quais 99 (65%) são do sexo feminino e 54 (35%) do sexo masculino.

Ao longo do presente estudo, foram realizadas análises psicométricas das escalas, análises de diferenças entre grupos, análises correlacionais e de regressão.

Os resultados obtidos demonstram que existe relação entre competências socioemocionais e estilo parental autoritativo e permissivo de ambos os pais, porém esta não se verifica no estilo autoritário. Além disso, realizou-se uma análise de regressão múltipla, tendo-se obtido um modelo no qual se verificou o efeito preditor das variáveis de interação (Estilos Parentais-Estilos de Vinculação) nas competências socioemocionais, nomeadamente, do estilo autoritário e permissivo do pai em cruzamento com um estilo de vinculação ansioso, bem como do estilo permissivo da mãe em conjunto com um estilo de vinculação ansioso. Contudo, a variável estatuto socioeconómico não se revelou explicativa das competências socioemocionais.

A investigação em questão permite aprofundar o conhecimento acerca da temática em estudo, podendo ter implicações na prática de intervenções dirigidas ao aumento das competências socioemocionais.

key-words

Parenting Styles; Socioemotional skills; Adulthood;
Socioeconomic Status; Attachment Styles

abstract

There is evidence demonstrating the relationship between parenting styles and socioemotional skills in children and adolescents. However, few studies exist in the adult population regarding this topic. Thus, the present study aims to fill this gap and analyze the predictive effect of parenting styles, socioeconomic status, and attachment styles on socioemotional skills.

This study employs a quantitative, descriptive and cross-sectional correlational methodology using a questionnaire administered through the Jotform platform, from which a sample of 153 participants was obtained. Among them, 99 (65%) are female, and 54 (35%) are male.

Throughout the study, psychometric analyses of the scales, group differences analyses, and correlational analyses were conducted.

The obtained results demonstrate that there is a relationship between socioemotional skills and both authoritative and permissive parenting styles of both parents, but this relationship is not observed in the authoritarian style. Furthermore, a multiple regression analysis was conducted, resulting in a model that showed the predictive effect of interaction variables (Parenting Styles-Attachment Styles) on socioemotional skills. Specifically, the authoritarian and permissive style of the father in conjunction with an anxious attachment style, as well as the permissive style of the mother in conjunction with an anxious attachment style, were found to be predictors. However, socioeconomic status was not found to explain socioemotional skills.

This research has deepened the knowledge about the studied theme and may have implications for interventions aimed at enhancing socioemotional skills.

Índice

INTRODUÇÃO.....	16
REVISÃO DA LITERATURA.....	18
1. Estilos parentais.....	18
1.1.1 <i>Tipologias e estilos parentais</i>	19
1.1.2 <i>Estudos empíricos</i>	21
1.2 Estilos de Vinculação	22
1.2.1 <i>Teoria da vinculação</i>	22
1.2.2 <i>Estilos de vinculação</i>	23
1.2.3 <i>Modelos de vinculação na idade adulta</i>	24
1.2.4 <i>Estudos Empíricos</i>	26
1.3 Estatuto socioeconómico dos pais.....	27
1.3.1 <i>Estudos empíricos</i>	28
1.4 Competências socioemocionais.....	30
1.4.1 <i>Desenvolvimento socioemocional</i>	30
1.4.2 <i>Fatores que influenciam o desenvolvimento socioemocional</i>	31
1.4.3 <i>Competências socioemocionais</i>	32
1.4.4 <i>Estudo empíricos</i>	35
1.5 Relação entre variáveis.....	36
II. OBJETIVOS E HIPÓTESES DE INVESTIGAÇÃO	40
III. MÉTODO.....	42
3.1 Desenho do estudo	42
3.2 Participantes	42
3.3 Instrumentos de medida	43
3.4. Procedimentos	47
3.4.1 <i>Procedimentos de recolha de dados</i>	47
3.4.2 <i>Procedimentos de análise de dados</i>	48
V. RESULTADOS.....	50
4.1 Análise das qualidades métricas das escalas	50
Questionário de Estilos e Dimensões parentais	50
Escala de Vinculação do Adulto.....	54
Questionário de Competências Sociais e Emocionais	56

4.2. Análise descritiva das variáveis em estudo	58
4.3 Diferenças em função das variáveis sociodemográficas	59
4.4 Estudos preditivos	65
4.4.1 <i>Correlação entre as variáveis</i>	65
4.4.2 <i>Análise de regressões múltiplas</i>	64
V. DISCUSSÃO	66
5.1 Implicações práticas	69
5.2 Limitações e recomendações para estudos futuros	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73
ANEXOS	87

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - *Caracterização sociodemográfica dos participantes*

Tabela 2 - *Validade da escala QEDP (versão pai)*

Tabela 3 - *Validade da escala QEDP (versão mãe)*

Tabela 4 - *Fiabilidade da escala QEDP*

Tabela 5 - *Sensibilidade da escala QEDP (versão pai)*

Tabela 6 - *Sensibilidade da escala QEDP (versão mãe)*

Tabela 7 - *Validade da escala QCSE*

Tabela 8 - *Fiabilidade da escala QCSE*

Tabela 9 - *Sensibilidade da escala QCSE*

Tabela 10 - *Validade da escala EVA*

Tabela 11 - *Fiabilidade da escala EVA*

Tabela 12 - *Sensibilidade da escala EVA*

Tabela 13 - *Estatística descritiva das variáveis em estudo*

Tabela 14 - *Resultados do teste ANOVA One Way para a variável sociodemográfica Sexo*

Tabela 15 - *Resultados do teste Mann-Whitney para a variável sociodemográfica Sexo*

Tabela 16 – *Resultados do teste Kruskal-Wallis para a variável Estado Civil*

Tabela 17 - *Resultados do teste ANOVA One Way para a variável sociodemográfica Estatuto Socioeconómico*

Tabela 18 – *Resultados do teste ANOVA One Way para a variável sociodemográfica Estado Civil*

Tabela 19 – *Matriz de correlações entre as variáveis em estudo*

Tabela 20 - *Regressão linear múltipla*

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a literatura tem mudado o paradigma relativamente à importância das competências para o sucesso e ajustamento do indivíduo. Se por um lado, antigamente o foco era dedicado exclusivamente às competências cognitivas, nos dias correntes, a literatura tem mostrado o contributo cada vez maior das denominadas competências socioemocionais, tanto a nível do sucesso laboral, como da saúde e do bem-estar em geral (Valente, 2019).

As competências socioemocionais requerem aprendizagem. Aprendizagem essa que ocorre em contacto com o meio envolvente em determinados contextos, desde a infância até à idade adulta. Um dos contextos mais importantes é o familiar, nomeadamente a interação com os pais e a relação de vinculação, sendo considerado como um dos maiores preditores do desenvolvimento, podendo contribuir de forma positiva ou negativa para o mesmo (Fosco et al., 2012). Os pais, como agentes de socialização, constituem um papel fundamental na transmissão de valores, crenças, atitudes, comportamentos e competências importantes para o desenvolvimento socioemocional dos seus filhos. A literatura (e.g., Jackson et al., 2013; Segrin & Flora, 2019) sugere a existência de uma relação entre os estilos parentais e as competências socioemocionais na infância e adolescência. Porém desconhece-se, a existência, ou não, de um efeito contínuo até à idade adulta, dada a dificuldade em estudar esta temática na população adulta, havendo assim uma escassez de dados.

Todavia, é importante salientar que a socialização é afetada por diversos fatores externos, tanto relativos aos pais como às crianças, pois o processo de educação de um filho não surge de forma isolada, mas sim, em contexto onde surge uma grande panóplia de influências (e.g. personalidade dos pais, estilos de vinculação, estatuto socioeconómico, psicopatologia dos pais) (Jack, 2000). Deste modo, surge a necessidade de compreender a influência do estatuto socioeconómico e da interação entre estilos parentais e estilos de vinculação - tendo em conta a influência mútua destes últimos - como preditores das competências socioemocionais.

Posto isto, a presente dissertação tem como objetivo compreender a relação entre estilos parentais e competências socioemocionais na idade adulta, assim como analisar o efeito preditor dos estilos parentais, estatuto socioeconómico dos pais e dos estilos de vinculação nas competências socioemocionais.

Assim sendo, esta dissertação é composta por cinco capítulos. O primeiro capítulo exhibe a revisão da literatura sobre as variáveis em estudo - estilos parentais, competências

ocioemocionais, estatuto socioeconómico e estilos de vinculação - bem como a relação entre elas. O segundo capítulo expõe o modelo conceptual de investigação e as respetivas hipóteses. No terceiro capítulo é apresentada a metodologia utilizada, sendo descrita a amostra, o delineamento do estudo, os instrumentos utilizados e todo o procedimento. No quarto capítulo são apresentados os resultados e por último, no quinto capítulo, apresenta-se a discussão e as conclusões, onde se indicam as limitações e sugestões de futuros estudos, bem como as implicações práticas do presente estudo.

REVISÃO DA LITERATURA

1. Estilos parentais

A família, mais concretamente os pais, são na maioria das vezes o primeiro contacto a que o ser humano é exposto, exercendo por isso uma influência significativa no seu desenvolvimento, bem como nos diversos domínios associados. Esta importância, contribuiu para o aumento da literatura científica no campo da parentalidade, pois torna-se fulcral estudar a forma como os pais educam, lidam e interagem com os filhos de modo a compreender o seu impacto (Cassoni, 2013).

A parentalidade é um fator fundamental para o desenvolvimento da criança, pois molda o ambiente e as experiências da mesma (Bornstein, 2001, 2012). Nesse sentido, a literatura tem vindo a conceptualiza-la como um construto vasto e amplo, definido como um conjunto de tarefas e atividades desenvolvidas pelas figuras parentais, com o propósito de proporcionar o desenvolvimento e socialização dos filhos, tendo como objetivo último a autonomia dos mesmos, abrangendo: as práticas, dimensões e estilos parentais (Hoghugh, 2004).

As práticas parentais são comportamentos e estratégias específicas realizadas pelas figuras parentais com o objetivo de socializar a criança, utilizadas de forma a extinguir comportamentos inadequados dos filhos ou, pelo contrário, reforçar comportamentos adequados (Weber et al., 2004).

Por sua vez, as dimensões dizem respeito ao modo como as práticas e estilos parentais podem ser classificadas, tendo-se identificado na literatura duas classificações: (i) apoio/controlo parental e (ii) responsividade/exigência (Power, 2013).

(i) O apoio parental remete para comportamentos demonstrativos de afeto, aceitação e envolvimento emocional para com os filhos, contribuindo para a autoafirmação dos mesmos através da comunicação e promoção de autonomia, encontrando-se assim associada de forma positiva ao desenvolvimento da criança, mais concretamente, ao aumento de competências de socialização, menores níveis de problemas emocionais e comportamentais (Simões et al., 2011). Em contrapartida, o controlo parental decompõe-se em dois tipos: comportamental e psicológico. O primeiro, controlo parental comportamental, tem como finalidade controlar e regular o comportamento da criança, quer seja por estratégias de monitorização, regras ou punição. O excesso ou defeito desta dimensão tem estado associado a resultados negativos a nível desenvolvimental, tais como problemas comportamentais e disruptivos, depressão e ansiedade. O segundo, controlo parental psicológico, está relacionado com a tentativa de moldar e impor pensamentos bem como alterar os seus sentimentos e emoções, tendo também

associações negativas a comportamento antissocial e problemas relacionais, de internalização e externalização (Kuppens & Ceulemans, 2018; Smetana, 2017).

(ii) A responsividade assemelha-se à dimensão de apoio parental, estando assim associada aos comportamentos parentais dedicados às necessidades dos filhos por meio do apoio emocional e responsividade com o objetivo de favorecer a sua autonomia. Por seu turno, a exigência remete para as atitudes que têm como finalidade o controlo do comportamento dos filhos, através da disciplina bem como imposição de regras e limites (Power, 2013).

Por último, no que diz respeito aos estilos parentais, os primeiros estudos surgem através das investigações de Diana Baumrind (1966) que se centraram na variação dos comportamentos parentais associados ao desenvolvimento de crianças em idade pré-escolar, tendo este marco teórico dado origem à primeira definição de estilos parentais. Deste modo, entende-se por estilo parental o repertório de comportamentos, atitudes, valores e crenças conduzidos pelos pais que se refletem estáveis ao longo do tempo e se relacionam com a hierarquia, disciplina e comunicação, criando um clima emocional na interação entre pais e filho, dentro do qual emergem as práticas parentais específicas (Kuppens & Ceulemans, 2018; Mota & Ferreira, 2019). Tais estilos podem ser caracterizados de diferentes maneiras, tal como se apresenta abaixo.

1.1.1 Tipologias e estilos parentais

Diana Baumrind (1966) criou uma tipologia de estilos parentais organizada de acordo com duas dimensões: exigência e responsividade, da qual surgem três estilos parentais: autoritário, autoritativo e permissivo. Mais tarde, Maccoby & Martin (1983), assinalam um novo marco teórico que se destaca pela redefinição da tipologia anterior, efetuando a fragmentação do estilo permissivo, dando origem ao estilo negligente e indulgente. De seguida, descreve-se cada uma dessas tipologias.

(i) O estilo parental autoritário distingue-se pelos níveis elevados de exigência, obediência, autoridade e rigidez bem como, baixos níveis de responsividade, onde as figuras parentais tentam educar os seus filhos de acordo com os seus padrões esperados, estabelecendo assim um conjunto de regras estritas que limitam a liberdade e autonomia dos filhos, sendo a punição utilizada como fonte de disciplina. A investigação (e.g., Lavrič & Naterer, 2020; Muñoz et al., 2017) demonstra que o estilo autoritário tem sido correlacionado a resultados negativos em termos de desenvolvimento, estando associado a maiores níveis de ansiedade,

comportamentos externalizantes, tais como agressividade, comportamento desviante e hostilidade, bem como menores competências sociais.

(ii) O estilo parental autoritativo caracteriza-se pelos altos níveis de responsividade e apoio bem como elevada exigência, no qual é permitido à criança expressar as suas necessidades e emoções de forma livre, abrindo espaço para a partilha e sentimentos de valorização por parte da mesma. Porém, existe, ao mesmo tempo, um estabelecimento de regras e limites que têm como objetivo o máximo de aprendizagem e autonomia e não punição pelo seu comportamento. As evidências científicas (e.g., Baumrind, 2012; Smetana, 2017) apontam para que o presente estilo seja o mais adequado, demonstrando melhores resultados a nível do desenvolvimento, sendo que crianças educadas por este estilo são tipicamente mais assertivas, amigáveis, curiosas, cooperantes com os outros, apresentam comportamentos pró sociais mais acentuados e um melhor desempenho académico.

(iii) O estilo parental permissivo, segundo a tipologia de Baumrind (1966), ou estilo parental indulgente, segundo Maccoby & Martin (1983), constitui-se por um lado, por uma predominância de elevados níveis de responsividade e por outro, por baixos níveis de exigência, sendo que os pais não estabelecem regras nem impõem limites, tolerando assim todo o tipo de comportamento por parte dos filhos, o que consequentemente origina pouca diretividade e mentoria. Estudos (e.g., Pinquart, 2017; Pinquart & Gerke, 2019) mostram que a escassa exigência imposta pelos pais minimiza a oportunidade de desenvolver a capacidade de lidar de modo eficaz com o stress, provocando dificuldades no controlo de impulsos e diminuição da autoconfiança.

(iv) O estilo negligente representa baixos níveis de responsividade e exigência, estando associado a pais que apenas respondem às necessidades básicas dos filhos e negligenciam a afetividade e socialização dos mesmos. O presente estilo parental está correlacionado a resultados menos positivos a nível de desenvolvimento a longo-termo, prolongando-se até à vida adulta, sendo que resulta em dificuldades no desempenho académico, défices sociais e cognitivos, baixa autoestima assim como desregulação emocional (Konopka et al., 2018; Mihret et al., 2019).

Apesar das evidências anteriormente apresentadas acerca dos estilos parentais, é necessário ter em conta que estes resultados não podem ser interpretados de forma isolada, uma vez que existem múltiplos fatores que podem influenciar os estilos implementados, tais como cultura, história de trauma, características dos pais e dos filhos, estatuto socioeconómico, entre outros, sendo por isso indispensável manter uma abordagem ecológica e sistémica neste tema (Zhang et al., 2023).

1.1.2 Estudos empíricos

Os estudos associados aos estilos parentais têm sido realizados com crianças e adolescentes, pois é nestas fases do ciclo de vida que exercem maior efeito. Mais especificamente, tem-se estudado o impacto dos diferentes estilos nesta população e correlacionado a diversas áreas, tais como desempenho acadêmico (e.g., Masud et al., 2015; Spera, 2005), consumo de substâncias (e.g., (Becoña et al., 2012; Berge et al., 2016; Calafat et al., 2014) e competências sociais (e.g., Kazemi, 2010; Mota & Ferreira, 2019; Salavera et al., 2022).

Em estudos de revisão da literatura acerca da relação entre os estilos parentais e desempenho acadêmico, no qual se agruparam diferentes estudos relativos à associação entre estas variáveis, verificou-se que o estilo parental autoritativo estava associado positivamente a melhores resultados a nível acadêmico (Masud et al., 2015; Spera, 2005). Por outro lado, estudos com adolescentes indicam que níveis mais elevados do estilo parental autoritário se relacionam a resultados académicos inferiores (Pinquart, 2017), sendo que o estilo negligente é o que apresenta piores resultados (Hassan et al., 2022).

No que concerne à relação entre o consumo de substâncias e estilos parentais, vários estudos assinalaram que a maior prevalência de consumo estava associada ao estilo negligente, permissivo e autoritário, e que por outro lado, o estilo autoritativo estava relacionado a menores níveis de uso de substâncias em crianças e adolescentes (Berge et al., 2016; Calafat et al., 2014).

Relativamente à relação entre competências sociais e estilos parentais, apurou-se que os estilos autoritativo e permissivo (Kazemi, 2010; Salavera et al., 2022) estavam associados a maiores níveis de competências sociais, porém noutro estudo, o estilo permissivo estabelece uma relação negativa juntamente com as competências sociais (Mota & Ferreira, 2019).

Em suma, conclui-se que o estilo parental autoritativo parece ser aquele que está associado a melhores resultados a nível do desenvolvimento e das diversas áreas correlacionadas (Cardoso & Veríssimo, 2013; Zhang et al., 2022).

1.2 Estilos de Vinculação

1.2.1 Teoria da vinculação

A teoria da vinculação, postulada em 1958, por John Bowlby, é uma das teorias mais influentes na Psicologia do Desenvolvimento, transpondo-se para diversas áreas e, atualmente, ainda mencionada na literatura científica. Esta teoria estabelece a importância do contacto primário com as figuras cuidadoras e do impacto da mesma no desenvolvimento, que será fundamental na formação do indivíduo, da sua saúde mental e relações futuras.

O trabalho de Bowlby iniciou-se com a observação de crianças institucionalizadas que vivenciaram privação de cuidados maternos, o que contribuiu para a reflexão acerca das suas consequências no desenvolvimento das crianças. A partir das mesmas, considerou que o contacto e proximidade com a mãe são necessidades vitais à sobrevivência da criança, criando a uma sensação de conforto e segurança, indo além da satisfação das suas necessidades biológicas. Consequentemente, Bowlby (1958) formulou que a necessidade de estabelecimento de uma relação afetiva forte entre a mãe e o bebé, que se prolonga no tempo, é instintiva e acarreta em si um conjunto de comportamentos inatos, os quais têm como função a criação da relação mãe-bebé e como objetivo último, a sobrevivência, definindo-se assim como vinculação.

Associado ao conceito de vinculação, surge o sistema de vinculação, o qual se caracteriza como um sistema comportamental inato com o objetivo de manter a sobrevivência e proteção do indivíduo. Nos momentos em que o indivíduo sente a sua integridade ameaçada, existe uma ativação deste sistema comportamental que origina a procura da proximidade das figuras cuidadoras, com o objetivo último de adquirir a sensação de segurança, o que se denomina por estratégia primária do sistema de vinculação. Quando o indivíduo estabelece o contacto com a figura cuidadora e atinge a sensação de segurança e proteção, ocorre a desativação deste sistema, na qual o indivíduo se sente calmo e a necessidade da procura de proximidade é cessada (Allen, 2008; Fraley et al., 2015).

No entanto, a figura cuidadora nem sempre se encontra disponível física ou emocionalmente, o que consequentemente poderá levar a que a sensação de segurança não se suceda e neste caso, há uma continuidade na ativação do sistema de vinculação. De modo a fazer face a esta indisponibilidade de reposição de segurança e proteção por parte das figuras de vinculação, o indivíduo recorre às chamadas estratégias secundárias, as quais podem

distinguir-se em dois tipos: hiperativação e desativação. A primeira diferencia-se pela intensificação dos comportamentos de procura de proximidade manifestados de modo a obter a atenção e proteção desejada da figura de vinculação. Por sua vez, a desativação destaca-se pela necessidade de suprimir os desejos de procura de proximidade e de vinculação com a figura cuidadora de modo a diminuir o *stress* causado pela indisponibilidade ou recusa da figura cuidadora quando necessária (Canavarro et al., 2006; Shaver & Mikulincer, 2009).

Os padrões de vinculação originam a internalização dos comportamentos e respostas associados aos mesmos, dando lugar ao que se denomina de Modelos Internos Dinâmicos, os quais são representações internas acerca do *self*, do mundo e do outro, os quais podem ser positivos ou negativos. Estes modelos internos traduzem significados sobre as figuras cuidadoras, o próprio e sobre a relação mantida entre os mesmos, os quais funcionam como guia de comportamento, influenciando as expectativas, emoções, defesas e estratégias utilizadas nas relações presentes e futuras (Silva & Costa, 2005).

Anos mais tarde, Ainsworth (1985), foi também uma peça fundamental na consolidação da teoria através de um procedimento realizado, denominado por “Situação Estranha”, que tinha como objetivo a observação da reunião, bem como separação da criança com a mãe, tendo esta experiência culminado na tese de que existem diferentes tipos de padrões desta relação, sendo denominado por estilos de vinculação. De seguida, faz-se uma breve apresentação desses estilos de vinculação.

1.2.2 Estilos de vinculação

Os estilos de vinculação definem-se por padrões persistentes na relação mãe-bebé, que incluem tanto as respostas da figura cuidadora como da criança face à separação e reencontro, englobando expectativas, necessidades, estratégias de regulação emocional e comportamentos relacionais (Levy et al., 2010). Consequentemente, são conceptualizados três tipos de estilos: estilo de vinculação segura; estilo de vinculação inseguro ansioso-ambivalente e estilo de vinculação inseguro evitante.

O estilo de vinculação segura, caracteriza-se pela segurança que a criança sente na relação com a figura cuidadora, onde esta é capaz de explorar o meio na sua ausência, mas ao mesmo tempo manifesta aflição com esta ausência, funcionando como base segura por meio da procura de proximidade e conforto aquando do retorno desta figura, permitindo assim à criança desenvolver a perceção de que as suas necessidades irão ser correspondidas (Fletcher & Gallichan, 2016). Por sua vez, no estilo de vinculação inseguro ansioso, as crianças têm

dificuldades em explorar o meio, sentindo-se ansiosas com a separação da figura cuidadora, necessitando sempre de contacto, no qual mostram comportamentos de procura de proximidade, mas também resistência aquando da reunião com a figura maternal, mostrando grande desconforto com a separação. Os cuidadores mostram, assim, responsividade inconsistente e, ao mesmo tempo, comportamentos intrusivos. Por último, o estilo de vinculação inseguro evitante assenta na independência da criança ao explorar o meio, não demonstrando sinais de perturbação após separação, nem necessidade de procura da figura cuidadora como base segura, acabando por ignorar a mesma após separação. Esta postura reflete a perceção de que o cuidador não irá responder às suas necessidades, uma vez que demonstra comportamentos de afastamento ao contacto e pouca afetividade perante as necessidades da criança (Belsky, 2002).

Posteriormente, Main e Solomon (1986) conceptualizaram um quarto estilo de vinculação, que se designa desorganizado, sendo comum em crianças que sofrem de maus-tratos. Este estilo caracteriza-se por comportamentos contraditórios por parte da criança, a qual por vezes tenta uma aproximação à figura cuidadora mas, ao mesmo tempo, exhibe medo e apreensão relativamente à mesma, dado que a figura de vinculação apresenta uma postura ambivalente.

1.2.3 Modelos de vinculação na idade adulta

A teoria de vinculação de Bowlby, foi sendo alargada para o funcionamento do adulto, uma vez que a relação de vinculação na infância tem impactos a longo-prazo e continua a ter influência durante todo o ciclo de vida, sendo, a mesma, um modelo protótipo para relações futuras. Desta forma, os estudos relativos à vinculação na idade adulta têm-se focado em analisar as diferenças individuais ao nível de vinculação, bem como analisar as suas dimensões subjacentes (Canavarro et al., 2006; Ravitz et al., 2010)

Neste seguimento, surgem três grandes modelos de vinculação na vida adulta.

O primeiro modelo teve a sua origem em 1987 por Brennan, Clark e Shaver, o qual se baseou na tipologia de estilos de vinculação de Ainsworth (1973) como base de organização das diferenças individuais dos comportamentos, pensamentos e sentimentos dos adultos nas relações românticas. Este modelo baseia-se em duas dimensões: Ansiedade e Evitamento. A ansiedade corresponde à necessidade constante de contacto e proximidade, estando presente preocupação excessiva acerca da disponibilidade dos outros bem como dúvidas do próprio enquanto merecedor de amor, existindo um medo elevado do abandono. O evitamento diz

respeito ao desconforto com a proximidade e dependência dos outros, presenciando-se a distância. Segundo este modelo, quando existem baixos níveis das duas dimensões, estamos perante indivíduos com uma vinculação segura, caracterizando-se por indivíduos que se sentem cómodos na relação com os outros e perspetivam as figuras de vinculação como responsivas. No caso da primeira dimensão ser elevada e a segunda baixa, é considerada uma vinculação ansiosa, na qual está presente a necessidade constante e excessiva de estabelecer relação com o outro, dependendo da validação dos outros para se sentirem merecedores de amor e têm pouca esperança relativamente à disponibilidade dos outros. Por último, quando a dimensão ansiedade é baixa e o evitamento é alto, considera-se uma vinculação evitante, sendo que indivíduos com este tipo de estilo de vinculação apresentam geralmente falta de confiança nos outros, apresentando ao mesmo tempo níveis elevados de perceção de rejeição, levando-os a evitar o estabelecimento de relações e proximidade (Feeney, 2002)

O segundo modelo surge como resposta ao modelo anterior, tendo sido proposto por Bartholomew e Horowitz, em 1991. Baseando-se nos Modelos Internos Dinâmicos de Bowlby, propôs quatro estilos de vinculação do adulto, a saber: estilo seguro; estilo preocupado/Ansioso; estilo evitante desligado ou desinvestido e estilo evitante receoso ou amedrontado. O estilo seguro caracteriza-se por uma visão positiva do *self* e dos outros, já no estilo preocupado/ansioso existe uma visão negativa do *self*, porém uma visão positiva dos outros, considerando-se com pouco valor. No que respeita o estilo evitante desligado ou desinvestido, está presente um modelo positivo do *self*, contudo uma imagem negativa dos outros, evitando assim o seu contacto. Por último, o estilo evitante receoso ou amedrontado retrata uma visão negativa do *self* e dos outros (Fraley et al., 2015; Silva & Costa, 2005).

Anos mais tarde, surge um terceiro modelo, formulado por Mikulincer e Shaver (2003), baseado na ativação ou desativação do sistema de vinculação, bem como utilização de estratégias subjacentes e consequências das mesmas. O modelo em questão integra três parâmetros. O primeiro, relaciona-se com a potencial de ativação do sistema de vinculação face aos acontecimentos, caso os mesmos sejam percecionados como ameaçadores pelo indivíduo, podendo as ameaças ter um carácter psicológico, físicas, real ou imaginado. Esta ativação origina pensamentos acerca da vinculação e comportamentos que levam à procura da proximidade. O segundo, é referente à ponderação relativa à disponibilidade e recetividade da figura de vinculação, sendo esta influenciada pelas experiências repetidas com a figura de vinculação. Esta avaliação é determinante da posterior ativação (ou não) do sistema de vinculação. Por último, o terceiro, diz respeito à consideração acerca da exequibilidade da procura efetiva de proximidade da figura, podendo motivar à utilização de estratégias de

ativação ou desativação do sistema de vinculação de acordo com a viabilidade da procura de proximidade. Para concluir, é importante referir que as componentes do presente modelo não ocorrem de forma isolada, pois dispõem de fatores externos como a personalidade, modelos internos dinâmicos e situação contextual, que atuam como influência (Mikulincer & Shaver, 2003).

1.2.4 Estudos Empíricos

Os estilos de vinculação têm sido associados a diversas dimensões, de entre as quais, psicopatologia (e.g., Derin et al., 2022; Mikulincer & Shaver, 2019), inteligência emocional (e.g., Walker et al., 2022), bem-estar e satisfação com a vida (e.g., Mónaco et al., 2019; Sharif et al., 2021), sendo que o estilo de vinculação segura tem estado relacionado a resultados mais positivos nas dimensões mencionadas.

No que diz respeito à relação entre inteligência emocional e estilo de vinculação, um estudo de meta-análise corrobora a tese de que estes dois conceitos estão relacionados, sendo o estilo de vinculação seguro aquele que está associado a maiores níveis de inteligência emocional (Walker et al., 2022). Diversos estudos afirmam que crianças com um estilo de vinculação seguro apresentam maiores níveis de regulação e expressão emocional, porém o estilo de vinculação inseguro tem estado correlacionado a dificuldades de regulação emocional bem como diminutas competências emocionais (Mikulincer & Shaver, 2019).

Em vários estudos, onde se associou a ansiedade e sintomatologia depressiva aos estilos de vinculação, apurou-se que o estilo inseguro ansioso-ambivalente estava associado a maiores taxas de sintomatologia depressiva e ansiedade, comparativamente a indivíduos com um estilo de vinculação seguro (Derin et al., 2022; Manning et al., 2017; Simon et al., 2019).

Por fim, os estudos relativos ao bem-estar e satisfação com a vida, têm evidenciado que indivíduos que percecionam a sua vinculação como segura, mostram uma maior satisfação consigo próprios, bem como uma visão positiva de si próprio, e maior procura da relação com os outros, aumentando assim o seu suporte social que, por consequência, influencia o seu bem-estar e satisfação com a vida (Mónaco et al., 2019; Sharif et al., 2021). A evidência empírica demonstra que o estilo de vinculação segura se demonstra um fator protetor no desenvolvimento de perturbações psicológicas, enquanto que o estilo de vinculação inseguro tem-se verificado como fator de risco nas mesmas (Kobak & Bosmans, 2018).

1.3 Estatuto socioeconómico dos pais

O estatuto socioeconómico é um construto que engloba medidas sociais e económicas de um indivíduo ou grupo, tais como a posição económica, classe social, poder financeiro e capital humano e/ou social, as quais têm influência nos recursos acessíveis aos mesmos (Vukojević et al., 2017). Este conceito é comumente avaliado através da escala de Hollingshead (1975), que incluiu parâmetros como: a educação, os rendimentos, o estado civil e a ocupação (Conger & Donnellan, 2007; Vukojević et al., 2017). A educação refere-se ao nível escolar máximo atingido, que se encontra, em Portugal, dividido por categorias (e.g., Ensino básico, Ensino secundário, Ensino superior). Por sua vez, o conceito de rendimentos diz respeito à receita produzida através da ocupação do indivíduo ou grupo, que se traduz, muitas das vezes, no salário ou no poder financeiro. Já o estado civil caracteriza-se pela “Situação jurídica da pessoa composta pelo conjunto das qualidades definidoras do seu estado pessoal face às relações familiares, que constam obrigatoriamente do registo civil” e engloba os seguintes estados: solteiro, casado, divorciado, viúvo (INE, 2003). Por último, o termo ocupação remete para o ato de trabalhar ou para a atividade dedicada, tendo como métrica de avaliação, na maior parte das vezes, a profissão (Ayoub et al., 2017; Neubourg et al., 2017).

Tendo em conta a influência diversa que o estatuto socioeconómico exerce no acesso a recursos de várias naturezas, e sendo um determinante da qualidade de vida, bem-estar e saúde, é de esperar que este fator influencie a parentalidade (Roubinov & Boyce, 2017).

De acordo com os modelos ecológicos de Dahlgren e Whitehead (1991) e Bronfenbrenner (1986), os quais perspetivam o desenvolvimento da criança de modo sistémico, existe uma influência mútua entre o indivíduo e os diferentes contextos do ambiente em que se encontra. Desta forma, o estatuto socioeconómico dos pais terá uma ação direta e indireta na criança, estendendo-se ao longo do ciclo de vida, incluindo na adultez (Conroy et al., 2010).

É de salientar que os estudos da relação entre Estatuto Socioeconómico e o desenvolvimento da criança, tem sido guiado por dois grandes modelos teóricos: a extensão do *The Family Stress Model* (FSM) (Conger & Elder, 1994) e o *The Family Investment Model* (FIM) (Conger & Donnellan, 2007).

O primeiro postula que as dificuldades económicas exercem influência sobre o desenvolvimento da criança através do funcionamento comportamental, psicológico e emocional dos pais e, por conseguinte, irá atuar nos comportamentos parentais exercidos e na parentalidade em si mesma. Assim, pais com estatuto socioeconómico mais baixo apresentam

menores capacidades parentais do que pais com estatuto socioeconómico alto, refletindo-se nas práticas parentais, stress parental, controlo sobre o desenvolvimento dos filhos, bem como disponibilidade de recursos, o que leva muitas vezes ao uso de estratégias de controlo negativas associadas a menores níveis de afeto e responsividade (Eamon, 2001).

Por contraponto, o segundo modelo formula a ideia de que a capacidade socioeconómica elevada dos pais irá influenciar de forma positiva o cuidado parental e o desenvolvimento da criança. O modelo sugere que o maior acesso a recursos económicos contribui para um maior investimento dos pais no desenvolvimento da criança, que incluem práticas como: estimulação dos pais na aprendizagem dos filhos; capacidade para fornecer diferentes estratégias e competências; proporcionar necessidades básicas adequadas como comida, acesso a uma casa, vestuário e cuidados de saúde bem como possibilitar a vivência da criança num local seguro e vantajoso para o seu desenvolvimento, promovendo assim o seu bem-estar social, físico, emocional e psicológico (Conger et al., 2010).

De salientar que a evidência científica relativa aos efeitos do estatuto socioeconómico no desenvolvimento da criança apresenta uma perspetiva ecológica, onde são tidos em conta os fatores proximais e distais, assim como os fatores de risco (e.g., psicopatologia parental) e proteção (e.g., sensibilidade parental) associados ao contexto da família (Friedson, 2016; Hartas, 2011).

1.3.1 Estudos empíricos

Tendo em conta o impacto do estatuto socioeconómico dos pais nos diferentes domínios da vida, este tem sido associado ao desenvolvimento da criança. A investigação tem-se focado em compreender o impacto desta variável na saúde, bem como comportamentos de saúde/risco, desempenho cognitivo e desenvolvimento socioemocional ao longo do ciclo de vida.

A relação entre o estatuto socioeconómico e a saúde encontra-se bem estabelecida, apontando para que a mesma se inicie ainda antes do nascimento, permanecendo ao longo do ciclo de vida, sendo o estatuto socioeconómico baixo um fator de risco para o desenvolvimento de diversas doenças (e.g., doença cardiovascular e respiratória) e comportamentos de risco (Moreno-Maldonado, 2019; Wang & Geng, 2019).

Ainda no contexto da saúde, a investigação tem tentado compreender o efeito do estatuto socioeconómico na efetivação de comportamentos de saúde. Num estudo de revisão de literatura com adolescentes, constatou-se que adolescentes com estatuto socioeconómico baixo apresentam maior probabilidade de se envolver em comportamentos de saúde de risco

(e.g., dieta pobre, fumar) (Hanson & Chen, 2007). Também noutro estudo com uma amostra de adolescentes, verificou-se que adolescentes que viviam em bairros, onde permanecia uma maior vulnerabilidade socioeconómica, tinham maior probabilidade de ter comportamentos de risco, tais como sedentarismo, fumar e ter uma dieta alta em gordura (Wardle et al., 2003).

No que concerne à associação entre o estatuto socioeconómico e o desempenho cognitivo, vários estudos revelam que indivíduos com estatuto económico elevado apresentam um melhor funcionamento quando comparados com indivíduos com estatuto socioeconómico baixo, iniciando-se esta diferença na infância e estendendo-se até à idade adulta (Bertola et al., 2021; Moorman & Greenfield, 2018; Zhang et al., 2020).

Para além disso, Fletcher e Wolfe (2016), num estudo onde se relacionam as competências socioemocionais e o estatuto socioeconómico, verificaram que crianças com baixo estatuto socioeconómico apresentam resultados mais baixos a nível destas competências do que crianças com alto estatuto socioeconómico. Também pais com estatuto socioeconómico baixo, ao contrário de indivíduos com estatuto socioeconómico alto, têm um nível de educação mais baixo e associado a este, uma menor capacidade para providenciar competências sociais, académicas e emocionais, influenciando assim o sucesso académico dos seus filhos, os quais podem apresentar consequentemente, níveis mais elevados de sintomas internalizantes (e.g., ansiedade e depressão), bem como externalizantes (e.g., agressividade e oposição) (Bøe et al., 2013).

Existem, também, alguns estudos (e.g., Hoff & Laursen, 2019; Roubinov & Boyce, 2017) referentes à influência do estatuto socioeconómico sobre os estilos parentais e práticas parentais, apontando para a prevalência do estilo parental autoritativo em pais com estatuto socioeconómico mais alto e, por contraponto, um estilo parental autoritário em pais com estatuto socioeconómico baixo. Para além disso, verifica-se que pais com estatuto socioeconómico mais baixo têm tendência a aplicar práticas parentais mais rígidas e punitivas, enquanto que pais com estatuto socioeconómico tendem a utilizar práticas mais responsivas e democráticas.

Em suma, o estatuto socioeconómico baixo parece ser um preditor de um maior risco de problemas mentais, físicos e sociais na idade adulta, pois há uma exposição a um conjunto de fatores de risco ambientais decorrentes do próprio estatuto ao longo da vida, existindo também uma transmissão intergeracional do estatuto socioeconómico (Conger & Martin, 2010; Fingerman et al., 2015; Xia, 2020).

1.4 Competências socioemocionais

Antes de abordarmos a temática das competências socioemocionais, é imperativo realizar uma breve contextualização acerca do processo de desenvolvimento do ser humano, mais concretamente no domínio socioemocional, pois é este que, de modo integrativo, permite a aquisição deste tipo de competências.

1.4.1 Desenvolvimento socioemocional

O desenvolvimento socioemocional é uma das dimensões do desenvolvimento e um campo de estudo integrativo que engloba o campo emocional e social, assumindo uma confluência entre estes dois. Trata-se, assim, de uma área que estuda a regulação das emoções e a influência das mesmas nos diversos contextos sociais, bem como a construção social das emoções, entre outros (Thompson, 2012).

Nos primeiros meses de vida, a criança não é ainda capaz de discriminar os seus estados afetivos ou dos demais, porém, progressivamente começa a reconhecer e expressar emoções, sendo que no primeiro ano de vida, a criança usa os sinais emocionais dos pais para guiar o seu comportamento, adquirindo o sentido de agência. A partir dos 2 anos de idade já é capaz de dar nome às expressões faciais, bem como nomear e identificar emoções básicas. Aos 4 anos, começa a compreender que é possível modular as emoções conforme o contexto social. Mais tarde, a partir dos 8 anos, começa a desenvolver a capacidade de regular as suas emoções, adquirindo consciência das exigências sociais e capacidade para iniciar, manter ou terminar um comportamento, havendo um aumento da expressão emocional e das competências sociais. (Thompson, 2012). O aumento da complexidade deste desenvolvimento é importante de modo a criar e manter relações com os pares e adultos, ajudando a criança a lidar com emoções circunscritas ao contexto em que está inserida, uma vez que a emoção dá informação social sobre a direção do seu comportamento. À medida que surge a adolescência, a capacidade de regular as suas emoções, compreender os papéis sociais bem como diferenciar os seus estados emocionais e dos outros, torna-se cada vez mais sofisticada e autónoma, na qual existe preferência pelo uso de estratégias de autorregulação ao invés de recorrer às figuras cuidadoras (Carr, 2017)

Tendo em conta o que foi mencionado anteriormente, é importante ressaltar a importância dos processos emocionais na competência social e aceitação dos pares, sendo que

quando existe uma desregulação emocional, existe maior probabilidade de surgirem problemas comportamentais, assim como dificuldades na relação com os pares (Berkovits & Baker, 2013).

1.4.2 Fatores que influenciam o desenvolvimento socioemocional

A dimensão socioemocional, fundamental para o processo desenvolvimental em si, é influenciada por fatores biológicos (e.g., temperamento da criança) e ambientais (e.g., características dos pais), na qual os cuidadores primários desempenham um papel preponderante através do seu estilo de vinculação, sensibilidade, responsividade às necessidades afetivas e mentalização durante as interações, sendo preditores do desenvolvimento consequente (Farkas et al., 2017).

Além disso, as características dos pais parecem ser um fator importante, na medida em que pais psicologicamente saudáveis apresentam sentimentos de autoeficácia e autocontrole, tendo maior capacidade de providenciar cuidados mais sensíveis, calorosos e comunicar de forma efetiva. Para além disso, competências parentais de socialização emocional, tais como responsividade e expressão emocional, reação dos pais às emoções dos filhos desempenham um papel fundamental na experiência emocional da criança, contribuindo para a sua compreensão e regulação (Morris et al., 2007).

Fatores como o estatuto socioeconómico estão, também, associados ao desenvolvimento socioemocional, sendo que pais com estatuto socioeconómico mais alto, tipicamente, providenciam maiores níveis de cuidados e responsividade e têm um maior leque de recursos disponíveis, importantes para o desenvolvimento da criança (Eamon, 2001; Sanders & Morawska, 2018).

A aquisição da linguagem é também uma componente importante, pois é através das conversas com os pares e pais que o seu vocabulário aumenta, o que faz com que o conhecimento e compreensão sobre emoções e, consequentemente, a comunicação das mesmas seja mais efetiva através do processo de socialização. Os pares são, de igual forma, um fator importante em todas as fases do ciclo de vida, mas, ainda assim, durante a adolescência passam a desempenhar um papel mais significativo na sua vida, possuindo a função de agentes de socialização de competências socioemocionais (Dishion & Tipsord, 2011; Thompson, 2012).

Por conseguinte, o desenvolvimento socioemocional compreende a aquisição de competências sociais e emocionais que contribuem para adaptação e resposta eficaz ao ambiente que rodeia a criança, permitindo-lhe estabelecer relações positivas e de qualidade com os outros, comunicar melhor com os seus pares, e ter uma melhor performance académica.

Quando existe um déficit neste domínio do desenvolvimento, as crianças terão maiores probabilidades de apresentar problemas de desregulação emocional, comportamentos disruptivos e dificuldades na relação com os outros (Farkas et al., 2017).

1.4.3 Competências socioemocionais

O construto de competências socioemocionais tem vindo a ser cada vez mais estudado nos últimos anos, porém a sua conceptualização ainda não é consensual sendo confundido, muitas vezes, com outros construtos, tais como “*soft skills*”, “competências não cognitivas” (Collie, 2020; Schoon, 2021). Assim sendo, nos parágrafos seguintes, são descritas as várias definições deste conceito, por diferentes autores, ao longo da revisão de literatura efetuada.

Considerando a importância da emoção nos diversos contextos sociais e a sua influência mútua, autores como Halberstadt, Denham e Dunsmore (2001), consideram que estas duas dimensões (emoção e contexto social) não podem dissociar-se. Por conseguinte, formularam um modelo teórico denominado por *Affective Social Competence*, que se aplica ao longo de todo o ciclo de vida, não obstante, a larga maioria da evidência empírica apenas apresenta resultados em crianças e adolescentes (Booker & Dunsmore, 2016).

O modelo *Affective Social Competence* inclui três elementos: i) envio de mensagens afetivas, baseado comunicação efetiva da mensagem que se pretende expressar, ii) receção de mensagens afetivas, a qual tem por base a identificação e interpretação correta da mensagem e experiência emocional presente, tendo em conta o contexto em que se insere e, iii) experiência de afeto, que se baseia na consciência da experiência afetiva e identificação dos próprios sentimentos. Os elementos supracitados envolvem quatro competências essenciais para contextos sociais bem-sucedidos: Consciência da mensagem afetiva em questão; Identificação do significado e das emoções presentes; Compreensão do conteúdo e das emoções dentro do contexto social; e por último, Regulação das emoções e dos sinais transmitidos pelo outro, e ao mesmo tempo, gestão dos sinais transmitidos durante o contexto social (Halberstadt et al., 2001; Low & Hymel, 2020).

Segundo Bisquerra (2009), as competências socioemocionais traduzem-se em cinco componentes essenciais, a saber: i) Consciência emocional de si e dos outros, ii) regulação emocional, iii) autonomia emocional, iv) domínio das competências sociais e por último, (v) domínio das competências de vida e bem-estar. A primeira diz respeito à capacidade compreender e identificar o clima emocional presente em contextos específicos; a segunda, regulação emocional, refere-se à capacidade de gerir as próprias emoções e dos outros, usando

estratégias do foro cognitivo, comportamental ou emocional; a autonomia emocional remete para a capacidade de o indivíduo manter uma autogestão pessoal, na qual não recorre ativamente aos outros para a resolução de problemas, tendo uma atitude positiva perante si mesmo e a vida bem como uma autoestima elevada; o domínio das competências sociais faz referência à capacidade de comunicar, estabelecer relações interpessoais, ser assertivo e efetuar comportamentos pró sociais. Por último, o domínio das competências de vida e bem-estar, pode definir-se como a aptidão para aplicar, de forma eficaz, comportamentos mais adequados na resolução de problemas de vários campos, como pessoal, familiar, profissional e social, de modo a salvaguardar o bem-estar pessoal e social.

Também os fundadores da organização *Collaborative to Advance Social and Emotional Learning* (CASEL), cujo objetivo é fornecer evidência acerca da eficácia de programas de aprendizagem social e emocional, bem como desenvolver práticas educativas que promovam competências sociais e emocionais, se debruçaram sobre a definição de um modelo de competências socioemocionais. Assim, esta organização estabelece um modelo que envolve um conjunto de competências fundamentais, consideradas essenciais no desenvolvimento de resultados positivos em diversas áreas, nomeadamente, no comportamento pro social, sucesso académico, saúde mental, problemas comportamentais e emocionais (Payton et al., 2000). Estas competências inserem-se em cinco domínios: i) autogestão, que se reflete na regulação dos pensamentos, emoções e comportamentos; ii) autoconsciência, associada à capacidade para reconhecer as suas emoções, forças e fraquezas; iii) consciência social, dirigida à competência para reconhecer as emoções e crenças dos outros; iv) competências interpessoais, onde se inserem as competências comunicacionais, capacidade para trabalhar em equipa e para construir relações significativas; v) tomada de decisão, incluindo a capacidade para construir planos para o futuro (Ross & Tolan, 2017).

Mais recentemente, McBrien e colegas (2018) conceptualizaram, as competências socioemocionais como um conjunto de aptidões específicas, como a inteligência social e emocional, determinando duas dimensões presentes: adaptabilidade, que se refere à capacidade do indivíduo se ajustar nas distintas situações e ambientes sociais, bem como a dimensão expressividade, que remete para a aptidão do indivíduo para expressar as suas emoções, pensamentos e ideias perante os outros.

Atualmente, com o objetivo de interligar diversas perspetivas e modelos que compõem estas competências, integrando o pressuposto de que o ser humano está inserido no meio social, existindo influências bidirecionais entre o indivíduo e o contexto no qual se insere, Schoon

(2021) desenvolveu uma taxonomia de competências socioemocionais denominada de DOMASEC (Domínios e Manifestações das Competências Socioemocionais).

O modelo DOMASEC é composto por três domínios que englobam a esfera cognitiva, afetiva e comportamental: i) auto-orientação, diz respeito a competências intrapessoais, que inclui competências como autoconceito, autoestima e autorregulação; ii) orientação para o outro, onde se inserem as competências interpessoais, que compreende a empatia, tomada de perspectiva e cooperação e por último, iii) orientação para a tarefa, abrangendo a antecipação, performance da tarefa e valor/interesse.

Quando se aborda a temática das competências socioemocionais, é imprescindível debater acerca do conceito de inteligência emocional. Esta foi conceptualizada por Mayer e Salovey (1990), descrevendo-a como “A capacidade de ter consciência das suas próprias emoções e dos outros, de as discriminar e usar essa informação para guiar o seu comportamento e pensamento” (Salovey & Mayer, p.189).

Posteriormente, foi criado um modelo que divide o construto em quatro competências: i) Perceção das emoções, que se define como a capacidade de identificar as emoções do próprio e dos outros, sendo esta a base das restantes competências; ii) uso das emoções, que significa usar as emoções de forma a facilitar a adaptação aos diferentes contextos, pensamentos e resolução de problemas; iii) compreensão das emoções, relacionado com a capacidade do indivíduo perceber tanto as emoções envolvidas nos diferentes contextos, como decifrar a linguagem corporal; iv) regulação das emoções, a qual se prende com a gestão das emoções, tanto do próprio como dos outros. Uma das premissas deste modelo de inteligência emocional é que este conjunto de competências são determinadas pelo contexto social em que estão inseridas, corroborando assim a ideia de que as competências emocionais e sociais são necessárias e dependentes entre si (Salovey & Grewal, 2005; Salovey & Mayer, 1990).

Bar-on (2006) teve, também, um papel importante, propondo um novo conceito denominado por inteligência socioemocional, definindo-a como competências do foro emocional e social, capacidade de resolução de problemas, tomada de decisão, adaptação e maleabilidade nas diversas situações e contextos, bem como regulação emocional e automotivação. De acordo com Bar-on (2006), estas competências, podem dividir-se em cinco ramos diferentes, mas inter relacionados, sendo estes: i) intrapessoais, que inclui autoestima, autorrealização e consciência das emoções; ii) interpessoais, incluindo empatia e responsabilidade social; gestão de stress, composta pelo controlo de impulsos e esforços para gerir situações causadoras de stress; iii) adaptabilidade, na qual se integra a capacidade de

adaptação às diferentes situações e problemas; e por fim, iv) humor geral, onde deve estar presente o otimismo e felicidade.

Em suma, as competências socioemocionais são um construto multidimensional situado no âmbito afetivo emocional, pessoal e interpessoal que englobam características, comportamentos, cognições, valores e competências de natureza social e emocional, as quais são produto de fatores biológicos e ambientais, podendo estas ser aprendidas ao longo do ciclo de vida. São competências que se vinculam à forma como o indivíduo expressa as suas emoções, compreende e reconhece em si e nos outros, estando também ligado à forma como se comunica de forma a agir na resolução de problemas, no aumento do bem-estar e da melhoria das relações sociais (Gondim et al., 2014). Exemplo destas competências incluem o comportamento pró-social, empatia, consciência social e emocional, regulação emocional e capacidade de compreender as emoções dos outros através da linguagem verbal e não-verbal, tomada de decisão e capacidade de resolução de problemas de forma adequada (dos Santos et al., 2018).

1.4.4 Estudo empíricos

As competências socioemocionais têm ganhado cada vez mais relevância na investigação científica dada a sua importância, uma vez que têm impacto em diferentes componentes ao longo do ciclo de vida (Briole et al., 2020; Fletcher & Wolfe, 2016; Schoon, 2021).

A evidência tem relacionado este tipo de competências ao resultado escolares de crianças e adolescentes, tendo-se verificado que as competências socioemocionais podem contribuir favoravelmente para o processo de aprendizagem e desempenho académico (Danner et al., 2021; Roy & Giraldo-García, 2018). Para além disso, sabe-se que crianças que iniciam o processo escolar com menores competências socioemocionais apresentam uma taxa de sucesso inferior (Costa & Fleith, 2019).

Os estudos com crianças, nesta temática, têm também demonstrado que crianças com menores níveis de competências socioemocionais têm uma maior probabilidade de desenvolverem problemas emocionais e comportamentais, bem como serem rejeitadas pelos pares, sendo preditores de dificuldades socioemocionais na vida adulta (Trentacosta & Fine, 2010).

Em estudos com amostras da população adulta, a investigação científica tem-se dedicado essencialmente, em correlacionar estas competências ao contexto laboral (Acosta et

al., 2015; Gondim et al., 2014) bem como à adaptação, perseverança e capacidade de trabalho em equipa no mesmo. Estas competências desempenham um papel importante na performance laboral e no desenvolvimento de competências profissionais (Acosta et al., 2015; Danner et al., 2021).

As competências socioemocionais têm sido associadas à variável sociodemográfica sexo, tendo a evidência demonstrado que mulheres detêm um maior nível de competências socioemocionais, quando comparados com homens, verificando-se tal constatação na população adulta como em crianças e adolescentes (Fung et al., 2018).

1.5 Relação entre variáveis

Tendo em conta o que foi referido anteriormente, é notório o papel fulcral que os pais desempenham na vida da criança, sendo a qualidade da relação primária entre a criança e os pais fulcral para o desenvolvimento da mesma, em vários domínios da vida. O desenvolvimento contribui, conseqüentemente, para a formação do indivíduo adulto, influenciando o seu funcionamento psicológico, físico, social e emocional.

O vínculo primário que se constrói entre os pais e os filhos desde o nascimento e se prolonga no tempo, tem sido considerado como forte preditor do desenvolvimento socioemocional (Bakel & Hall, 2018). Crianças com um estilo de vinculação seguro apresentam maiores níveis de afeto positivo, regulação emocional, bem como maiores níveis de competências sociais e um nível superior de estratégias de resolução de problemas, enquanto que o estilo de vinculação inseguro tem sido associado a problemas de externalização e internalização, bem como menores níveis de competências emocionais e sociais (Groh et al., 2016).

A relação de vinculação estabelecida bem como os estilos de vinculação adotados irão, posteriormente, ter impacto nos comportamentos parentais, tais como sensibilidade, aceitação e responsividade (Koehn & Kerns, 2018). O estilo de vinculação em conjunto com os estilos parentais são duas das componentes que originam o clima emocional criado no contexto familiar, estando o estilo de vinculação seguro associado a um estilo parental autoritativo e o estilo de vinculação inseguro relacionado com os estilos parentais autoritário e permissivo (Branjerdporn et al., 2019; Morris et al., 2007). A parentalidade envolve um conjunto de tarefas e funções interrelacionadas com vários domínios, tais como cuidados básicos, educação, suporte emocional e socialização, e aquando bem-sucedidos asseguram o ajustamento e bem-

estar dos filhos ao longo do ciclo de vida. A realização das tarefas parentais e o desempenho dos seus papéis, bem como responsabilidades são influenciadas por diversos fatores, tais como a cultura, temperamento da criança, saúde mental e personalidade dos pais, bem como condições socioeconómicas (Sanders & Turner, 2018). Com base nestas influências, as funções exercidas como pais serão determinadas pelos seus próprios recursos e capacidades.

Sabe-se ainda que, pais com estatuto socioeconómico baixo, tipicamente, têm acesso restrito a recursos e possuem menores capacidades parentais, sendo que crianças cujos pais têm um estatuto socioeconómico baixo possuem um maior risco de pobres resultados a níveis de desenvolvimento nos diversos domínios, ao contrário de crianças com estatuto socioeconómico alto, nomeadamente a nível social e emocional, da saúde, linguagem, saúde física e mental (Conger & Donnellan, 2007). Neste sentido, existem alguns estudos que abordam a relação entre competências socioemocionais e estatuto socioeconómico, verificando-se que um estatuto alto se encontra associado a menores competências, estabelecendo-se uma relação contrária quanto ao estatuto socioeconómico baixo (Fletcher & Wolfe, 2016; Shi et al., 2022).

Tendo em consideração a influência do estatuto socioeconómico na parentalidade, é de esperar que este exerça ação nos estilos parentais, sendo que alguns estudos reforçam esta tese, onde pais com estatuto socioeconómico alto têm tendência a exercer um estilo parental autoritativo, enquanto que existe um maior predomínio do estilo autoritário em pais com estatuto socioeconómico baixo (Bornstein, 2019; Conger & Donnellan, 2007; Friedson, 2016; Hoff & Laursen, 2020; Luo et al., 2019). Para além disso, a educação dos pais, um dos parâmetros do estatuto socioeconómico, tem estado positivamente correlacionado com o estilo parental autoritativo e negativamente com o estilo autoritário e permissivo (Hosokawa & Katsura, 2018).

Consequentemente, é no seio da relação pais-filhos que se adquirem competências variadas por via da socialização, competências estas que permitem o ser humano relacionar-se com os outros e com o meio que a rodeia, de modo a adaptar-se de forma eficaz às exigências do ambiente. De acordo com a literatura, as competências socioemocionais têm tido cada vez mais relevância, tornando-se importantes em diversos domínios, sendo pertinentes desde a infância até à idade adulta (Danner et al., 2021).

Os pais, como agentes de socialização deste tipo de competências, podem ter influência nas mesmas, através de diferentes mecanismos, tais como: reações às emoções das crianças,

crenças dos pais acerca das emoções e a sua própria regulação, observação das emoções e discussão das mesmas nas interações presentes entre pais e filhos, sendo que estes mecanismos fornecem informações fundamentais para a regulação e expressão emocional da criança (Morris et al., 2007; Yang et al., 2020). Por conseguinte, quando as crianças se encontram num ambiente responsivo e consistente, estas são emocionalmente seguras e apresentam maiores níveis de expressão emocional, regulação emocional, competência social e comportamento pró social (Manzeske & Stright, 2009; Repetti et al., 2015). Contudo, um clima emocional negativo, imprevisível e pouco responsivo gera efeitos negativos na reatividade emocional e funcionamento emocional, resultando num pobre desenvolvimento socioemocional (Eisenberg, 2002; Shaffer et al., 2012).

Concludentemente, são vários os estudos que têm salientado o papel dos estilos parentais na experiência socioemocional da criança, mais concretamente, analisando a relação entre estilos parentais e regulação emocional, inteligência emocional e social.

A literatura tem evidenciado que os diferentes estilos parentais têm estado associados a diferentes resultados ao nível da regulação emocional, demonstrando que maiores níveis de responsividade estão associados a um maior uso de estratégias regulatórias, enquanto que atitudes coercivas afetam a sua capacidade de regulação. Mais especificamente, num estudo realizado com crianças, compreendeu-se que o estilo parental autoritário se encontrava negativamente correlacionado com a regulação emocional, estando o estilo autoritativo e permissivo associado positivamente (Agbaria et al., 2021). Também numa amostra de adolescentes, o estilo parental autoritativo demonstrou-se positivamente associado a um maior nível de regulação emocional, enquanto que o estilo autoritário se correlacionou negativamente e o estilo permissivo não demonstrou relação (Jabeen et al., 2013). Noutro estudo, com jovens adultos, observou-se que maiores níveis de controlo psicológico e comportamental, se encontrava associado a menores níveis de regulação emocional e por outro lado, não se averiguou associação entre a responsividade maternal e a regulação emocional dos participantes (Manzeske & Stright, 2009).

Num estudo de revisão entre a inteligência emocional e social, a evidência demonstra que um estilo autoritativo exerce efeitos positivos sobre estas variáveis, em oposição aos efeitos negativos do estilo autoritário e permissivo (Segrin & Flora, 2019; Wischerth et al., 2016). Noutros estudos, onde o foco é apenas na inteligência emocional, concluiu-se que o estilo autoritativo afeta positivamente esta competência, contrapondo o efeito negativo do estilo

autoritário. Salientando-se que não se constatou associação significativa entre o estilo permissivo e a inteligência emocional (Argyriou et al., 2016; Alegre, 2010).

II. OBJETIVOS E HIPÓTESES DE INVESTIGAÇÃO

Como descrito anteriormente, as competências socioemocionais surgem como resultado da relação de um conjunto alargado de variáveis que influenciam a sua manifestação em diferentes contextos, e que variam consoante as dinâmicas parentais. Contudo, depois de uma significativa revisão de literatura, e embora exista ampla evidência dos construtos em estudo, conclui-se que os estudos que abordam esta temática são apenas focados em crianças e adolescentes, não existindo estudos que abordam exclusivamente a relação entre as variáveis aqui propostas – estilos parentais, estilos de vinculação, estatuto socioeconómico dos pais e competências socioemocionais, de modo retrospectivo.

Nesse seguimento, o objetivo geral desta investigação é contribuir para o conhecimento acerca do desenvolvimento das competências socioemocionais. Posto isto, os objetivos específicos são:

- Caracterizar os estilos parentais, estilos de vinculação, estatuto socioeconómico e competências socioemocionais de adultos Portugueses;
- Analisar a existência de diferenças significativas nos estilos parentais, estilos de vinculação, estatuto socioeconómico e competências socioemocionais, em função das variáveis sociodemográficas sexo, estado civil, estatuto socioeconómico.
- Analisar o papel preditor dos Estilos Parentais, Estilos de vinculação e Estatuto e Socioeconómico dos pais nas Competências Socioemocionais.

Nesse sentido, procura-se testar as seguintes hipóteses:

H1: Prevê-se que existam diferenças significativas estilos parentais, estilos de vinculação, estatuto socioeconómico e competências socioemocionais, em função das variáveis sociodemográficas sexo, estado civil e estatuto socioeconómico.

H2. Prevê-se que existam correlações estatisticamente significativas entre os estilos parentais, estilos de vinculação, estatuto socioeconómico e as competências socioemocionais. Mais especificamente:

H2.1 Prevê-se que exista uma correlação estatisticamente significativa e positiva entre o estilo parental autoritativo e as competências socioemocionais;

H2.2 Prevê-se uma correlação estatisticamente significativas e negativa entre o estilo parental autoritário e as competências socioemocionais;

H2.3 Prevê-se uma correlação estatisticamente significativa e negativa entre o estilo parental permissivo e as competências socioemocionais;

H3: Prevê-se que o efeito de interação entre estilos parentais e estilos de vinculação seja preditor das competências socioemocionais.

H4: Prevê-se que o estatuto socioeconómico seja preditor das competências socioemocionais.

III. MÉTODO

3.1 Desenho do estudo

O presente estudo enquadra-se num delineamento não experimental, com propósito descritivo e de avaliação correlacional entre as variáveis e, por esse motivo, sem controlo ou manipulação das mesmas. Segue uma metodologia quantitativa de modo a permitir uma ordenação e quantificação de diferenças entre os dados e consequentemente, a análise estatística (Marôco, 2018). Salienta-se também o seu carácter transversal, uma vez que a recolha de dados foi efetuada num único momento.

3.2 Participantes

O processo de amostragem foi feito de forma não probabilística e por conveniência, visto não ser viável o recurso a uma amostra aleatória (Oliveira & Lisboa, 2011). A participação foi voluntária, anónima e privada, não havendo incentivos à participação. Os critérios de inclusão definidos foram: ter idade igual ou superior a 18 anos; ter nacionalidade Portuguesa; preencher todos as secções do questionário.

Rececionaram-se 204 respostas, das quais 3 foram eliminadas por não cumprir os critérios de inclusão de nacionalidade e 48 por não preencherem corretamente os dados relativos à profissão dos pais, impossibilitando a criação da variável estatuto socioeconómico, e como tal impossibilitando a realização do teste de hipóteses. Deste modo, a amostra final deste estudo resulta em 153 inquéritos completos ($n = 153$).

Por observação dos dados da estatística descritiva das variáveis sociodemográficas da amostra, visíveis na Tabela 1, verifica-se que 99 participantes são mulheres (65%), 54 são homens (35%), com idades compreendidas entre os 19 e os 70 anos de idade ($M = 36$; $DP = 13$; $Mo = 22$), dos quais 101 (66%) são trabalhadores, 34 (22%) são estudantes, 7 (5%) encontram-se desempregados, 6 (4%) são trabalhadores-estudantes e, 5 (3%) são reformados.

Relativamente ao estado civil dos pais, 69 (45%) são casados, 43 (28%) solteiros, 22 (14%) divorciados e 19 (12%) viúvos. No que diz respeito às habilitações literárias do pai, variam entre Analfabetos (3.0%) e detentores de grau de mestre (4.0%), sendo que o maior número de participações se regista no 1º ciclo do ensino básico (30.3%). Relativamente às habilitações literárias da mãe, variam, também, entre Analfabetos (2.5%) e detentores de grau

de mestre (2.0%), havendo uma maior concentração no 1º ciclo do ensino básico (35.8%). No que concerne à profissão do pai, verifica-se que a profissão mais comum é Bancário (18%), por sua vez, a profissão com maior número de registos relativos à mãe, foi Doméstica (9%). Por fim, no que concerne ao Estatuto Socioeconómico, concluiu-se que 61 (40%) dos participantes apresentam um estatuto socioeconómico alto, 57 (37%) baixo e 35 (23%) médio.

Tabela 1

Características Sociodemográficas dos participantes

Variáveis		Amostra total (N=153) n (%)
Sexo	Mulher	99 (65%)
	Homem	54 (35%)
Ocupação	Estudante	34 (22%)
	Trabalhador	101 (66%)
	Trabalhador-estudante	6 (4%)
	Desempregado	7 (5%)
	Reformado	5 (3%)
Idade	Média (Desvio-padrão)	35 (13)
Estado civil dos pais	Solteiro	43 (28%)
	Casado	69 (45%)
	Divorciado	22 (14%)
	Viúvo	19 (12%)
Estatuto Socioeconómico dos pais	Baixo	57 (37%)
	Médio	35 (23%)
	Alto	61 (40%)

3.3 Instrumentos de medida

Para o presente estudo foi elaborado um instrumento de pesquisa sob a forma de questionário digital. Este instrumento é constituído por seis secções: 1) informações sobre o estudo, 2) consentimento informado, 3) questionário de estilos e dimensões parentais, 4) questionário de competências sociais e emocionais, 5) escala de vinculação para adulto e 6) questionário de recolha de dados sociodemográficos e de caracterização da amostra, sendo

necessário mencionar que os itens do questionário de estilos e dimensões parentais foram adaptados de modo retrospectivo, onde era pedido aos participantes que respondessem de acordo com a sua memória relativamente à sua infância e adolescência. A título de exemplo de alguns itens: “Os meus pais consideravam difícil disciplinar-me”, “Os meus pais explicavam-me os motivos porque deveria cumprir regras”.

O instrumento termina com um texto de agradecimento e contacto da investigadora. A aceitação do consentimento informado foi configurada como fator condicional para a participação, bem como a obrigatoriedade de resposta a todas as questões. Os dados sociodemográficos recolhidos foram o sexo, nacionalidade, idade e ocupação do participante, assim como estado civil, habilitações literárias e, por último, a sua profissão/ocupação dos pais. Segue-se uma breve descrição dos instrumentos de medida utilizados.

Estilos parentais - os estilos parentais foram avaliados com recurso ao Questionário de Estilos e Dimensões Parentais - Versão Reduzida de hétero relato (Robinson et al., 1995; Nunes & Mota, 2018) que tem como objetivo a heteroavaliação dos estilos parentais dos seus cuidadores por parte dos adolescentes e jovens, seguindo a tipologia de três fatores conceptualizada por Baumrind (1991). É constituído por um total de 32 itens dirigidos tanto para o Pai, como para a Mãe, cujos elementos de resposta variam de 1 a 5 numa escala tipo *likert* que varia entre Nunca”, “Algumas vezes”, “Metade das vezes”, “Muitas vezes” e “Sempre. O número de itens é distribuído por três dimensões: estilo democrático, estilo autoritário e estilo permissivo. A primeira dimensão engloba as subescalas: apoio e afeto; regulação e; cedência de autonomia e participação democrática. Por sua vez, a segunda dimensão contém as subescalas: coerção física, hostilidade verbal, e punição. A última dimensão inclui apenas a subescala indulgência, sendo que quanto maior o resultado alcançado em cada uma das dimensões, maior será a saliência do estilo parental representado. No que diz respeito ao método de cotação, uma maior pontuação obtida em cada dimensão, aponta para uma maior presença dos elementos descritos nos itens, percecionados pelo sujeito.

Este instrumento foi validado e adaptado para a população portuguesa por Nunes e Mota (2018) com base na versão original reduzida de autorrelato de Robinson et al. (1995).

A versão original deste instrumento apresenta boas qualidades psicométricas, sendo que apresenta valores de .91 para a escala estilo democrático; .86 para a dimensão estilo autoritário e .75 para a escala estilo permissivo (Robinson et al., 1995). No que toca às propriedades psicométricas da adaptação portuguesa, apresenta para a escala Total na versão para o pai um *Alpha* de cronbach de .86 e .81 na versão para a mãe. No que concerne à dimensão estilo

democrático apresenta valores de .93/.90, respetivamente; .76/.80 na dimensão Estilo Autoritário e por fim, .65 em ambas as versões (Nunes & Mota, 2018).

Estilos de Vinculação - os estilos de vinculação foram avaliados com recurso à escala de Vinculação do Adulto (Canavarro et al., 1995; Collins & Read, 1990) - Este instrumento de autorrelato foi construído por Collins e Read (1990), tendo como principal finalidade compreender o estilo de vinculação do indivíduo adulto, segundo os três estilos sugeridos por Ainsworth (1973). É constituído por 17 itens com três dimensões associadas: ansiedade; conforto com a proximidade; e confiança nos outros, as quais são respondidas através de uma escala de *likert* de cinco pontos que varia entre “Nada característico em mim”, “Pouco característico em mim”, “Característico em mim”, “Muito característico em mim” e “Extremamente característico em mim”. De modo a obter-se a pontuação nas dimensões instrumento, deve proceder-se à inversão dos itens que se encontram de formulados de forma inversa e, seguidamente, somam-se os itens de cada dimensão e divide-se pelo número de itens que constituem cada dimensão.

Tendo em conta que o presente instrumento se baseia nos três estilos de vinculação de Ainsworth (1973), isto é, seguro, inseguro-ansioso e inseguro-evitante, o procedimento de classificação do presente instrumento indica que maiores níveis de conforto com a proximidade, confiança nos outros e menores níveis de ansiedade dão origem a um estilo seguro. Por outro lado, a existência de níveis baixos de conforto com a proximidade e confiança nos outros, porém baixos níveis de ansiedade, remete para um perfil evitante. Por último, na presença de baixo níveis de conforto com a proximidade e confiança nos outros, mas altos níveis de ansiedade assume-se a prevalência de um estilo ansioso (Canavarro et al., 2006).

Relativamente às propriedades psicométricas da escala original, os estudos reportam índices de fiabilidade razoáveis, apresentando os seguintes *Alphas de Cronbach*: .72 para a escala ansiedade; .69 para a escala conforto com a proximidade e por fim, .75 para a escala confiança nos outros. Quanto às propriedades psicométricas da versão portuguesa do instrumento, verifica-se um valor elevado para a escala total e para a dimensão ansiedade, sendo estes .81 e .84, respetivamente, embora já não se verifique o mesmo nas restantes dimensões, uma vez que apresenta um valor de .67 para a escala conforto com a proximidade o valor de .57 para a dimensão Confiança nos outros (Canavarro et al., 2006).

Estatuto socioeconómico dos pais - o estatuto socioeconómico foi avaliado com recurso a um questionário sociodemográfico que teve como objetivo recolher dados sociodemográficos dos

participantes bem como dos seus pais. Concretamente, o Estatuto Socioeconómico foi avaliado pela escala de quatro fatores de Hollingshead (1975), sendo estes a educação, estado civil, ocupação/profissão e sexo.

O presente índice utiliza a educação e a ocupação para determinar o estatuto socioeconómico do indivíduo ou família. A Educação, segundo este índice, inclui os seguintes níveis de escolaridade, que varia entre 1) Inferior ao 7º ano de escolaridade e 7) Mestrado. Desta forma, a educação de um indivíduo é multiplicada pelo valor de 3 (e.g., Ensino secundário completo ($4 \times 3 = 15$)). No que diz respeito ao fator Ocupação, o índice apresenta uma o *score* do nível de prestígio onde se englobam as diferentes profissões, variando do mais baixo para o mais alto entre 1) Trabalhadores agrícolas e domésticos e 9) Trabalhadores de altos executivos, proprietários de grandes negócios e profissionais major. Assim, multiplica-se o respetivo *score* em que o indivíduo se encontra por um peso de 5 (e.g., Arquiteto (9×5)).

Por conseguinte, para se obter o nível do estatuto socioeconómico, soma-se o valor total da multiplicação do Fator Educação e Ocupação. A título de exemplo: $4 \times 3 = 15$ (Fator Educação) + $9 \times 5 = 45$ (Fator Ocupação), que perfaz um total de 60. Este valor enquadrar-se-ia no Índice de Hollingshead (1975), que varia entre 8 e 66, dando origem a 5 escalões, sendo 1 indicativo de um estatuto socioeconómico baixo e 5 um estatuto socioeconómico alto.

Competências Socioemocionais - a avaliação das competências Socioemocionais foi feita com recurso ao questionário de Competências Sociais e Emocionais - SEC-Q (Zych et al., 2018; Lobo et al., 2019), um instrumento de autorrelato elaborado por Zych et al. (2018) que tem como objetivo avaliar as competências sociais e emocionais dos jovens e adolescentes, sendo composta por um total de 16 itens, os quais são representados pelas seguintes componentes: autoconceito; autogestão e motivação; consciência social e comportamento pró-social; e tomada de decisão. O presente questionário apresenta uma escala tipo *likert* de cinco pontos, sendo as opções de resposta “Discordo completamente”, “Discordo Bastante”, “Não discordo nem concordo”, “Concordo Bastante” e por fim, “Concordo Completamente”. Quanto à cotação do instrumento, uma maior pontuação indica maiores níveis de competências socioemocionais.

No que diz respeito às propriedades psicométricas da escala original, estas foram avaliadas em estudos com uma amostra de adolescentes e jovens adultos, verificando-se boas qualidades psicométricas em ambas as amostras. Assim, na amostra de adolescentes, verificaram-se os seguintes coeficientes de *Cronbach*: .80 na escala total; .73 na dimensão

autoconceito; .65 na dimensão autogestão e motivação e .73 para a escala de tomada de decisão. Já na amostra de jovens adultos, verificam-se os seguintes coeficientes para as respetivas escalas: .87 na escala total; .83; .79; .77 e por fim, .77 (Zych et al., 2018). Relativamente à versão portuguesa, a escala total apresenta um coeficiente de .87, assim como .79 para a escala autoconceito; .71 para a escala autogestão e motivação; .74 para a escala consciência social e comportamento pró-social e por fim, .79 para a escala tomada de decisão, demonstrando assim valores adequados de fidelidade (Lobo, 2020).

3.4. Procedimentos

3.4.1 Procedimentos de recolha de dados

Numa primeira instância, o protocolo de investigação foi submetido à Comissão de Ética da Universidade Europeia de modo a obter-se a sua aprovação. Após a autorização, procedeu-se à construção do questionário através da ferramenta digital *Jotform*, tendo sido posteriormente divulgado nas redes sociais, mais concretamente *Facebook* e *Instagram*.

Desta forma, na criação do questionário, os itens da escala “Questionário de Estilos e Dimensões Parentais - Versão reduzida de hétero relato” (Nunes & Mota, 2018; Robinson et al., 1995;) foram modificados de modo retrospectivo, com o objetivo de serem adaptados à amostra de adultos do presente estudo. Foi pedido aos participantes para responderem de acordo com as indicações, tais como “Lê atentamente cada uma das frases e assinala a resposta com que mais te identificas, tomando como ponto de partida as tuas vivências durante a infância e adolescência. Cada uma das afirmações serve para avaliar a tua perceção acerca das características da interação dos teus pais contigo, durante a tua vida. Não existem respostas certas ou erradas. Há apenas a tua resposta. Responde de forma rápida, honesta e espontânea a cada uma das afirmações, para cada um dos teus pais. A escala de resposta varia entre Nunca; Algumas vezes; Metade das vezes; Muitas vezes e Sempre.”

Recorreu-se, posteriormente, a um grupo de pessoas com as mesmas características da amostra, sobre a qual se efetuou um pré-teste com o fim de atestar a validade facial antes da aplicação do instrumento. Este coletivo analisou os conceitos e contextos das questões, assim como a construção frásica dos itens antes de chegar a um consenso sobre o texto final a apresentar.

Para além disso, de modo a minimizar efeitos de desejabilidade social, optou-se por não identificar o nome das escalas ou das dimensões apresentadas aos participantes, indo ao encontro das recomendações de Koopmans et al., (2016).

É de salientar que, a cada participante foi explicado o enquadramento do estudo, uma expectativa de tempo de resposta de aproximadamente 15 minutos, a informação sobre a estrutura em blocos temáticos e sobre a recolha de dados sociodemográficos. Foi também explicado, que a participação seria voluntária e solicitada espontaneidade nas respostas. Seguiu-se a apresentação do consentimento informado, cuja recusa resultava na conclusão da participação. A todos os participantes foi assegurada confidencialidade, anonimato das respostas e garantia de cumprimento do Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados no tratamento dos dados recolhidos, assim como o compromisso de que a informação recolhida seria utilizada exclusivamente no âmbito do presente estudo. Por fim, no final do questionário foi apresentada uma nota de agradecimento pela participação no estudo.

A recolha de respostas decorreu entre dezembro de 2022 e março de 2023 e a extração dos dados foi feita para uma folha de cálculo na ferramenta *Microsoft Excel* (versão 16.60), onde foram criadas as etiquetas das variáveis e avaliação de critérios de inclusão antes de exportação para tratamento com o software de avaliação estatística *IBM SPSS* (versão 28).

3.4.2 Procedimentos de análise de dados

Exportados os dados para o SPSS, foi completada a codificação das variáveis categóricas por forma a termos uma atribuição numérica em todos os elementos de análise. O tratamento dos dados foi efetuado entre os meses de março e maio de 2023.

Com vista à caracterização sociodemográfica dos participantes do presente estudo, realizaram-se análises estatísticas descritivas, tais como média, desvio-padrão e frequências absolutas e relativas.

De seguida, os questionários utilizados foram validados para a amostra em questão, através do recurso a análises de validade, fiabilidade e sensibilidade, nomeadamente, *Alpha de Cronbach*, Assimetria e Curtose, teste de *Kolmogorov-Smirnov*, bem como Análise Fatorial Exploratória.

Efetuuou-se, também, a análise descritiva das variáveis, bem como uma análise de comparação entre grupos, onde se executou o teste de ANOVA *One Way* e *T-Student*, *Mann-Whitney* e *Kruskal-Wallis* de modo a averiguar a existência de diferenças entre as variáveis sociodemográficas e as variáveis em estudo.

Além disso, de modo a ir ao encontro da Hipótese 2 e as suas subhipóteses, recorreu-se à análise de correlação de *Pearson* e *Spearman* para compreender a relação entre as variáveis. Por fim, de modo a testar as Hipóteses 3 e 4, realizou-se a uma análise de regressão múltipla com o intuito de analisar o efeito preditor das variáveis independentes do presente estudo.

V. RESULTADOS

4.1 Análise das qualidades métricas das escalas

Para a elaboração da descrição das qualidades métricas das escalas usadas e análise dos resultados recorreu-se ao software de avaliação estatística IBM SPSS (versão 28). O estudo das dimensões foi efetuado após a ponderação da média em função das saturações fatoriais dos seus itens, ao que se seguiram as metodologias de análise e resultados descritos abaixo.

Questionário de Estilos e Dimensões parentais

Validade

A validade do conteúdo das escalas foi atestada através do procedimento de Análise Fatorial Exploratória (AFE), que avalia em que medida a escala usada mede devidamente o construto em estudo (Marôco, 2018). Desta forma, tendo em conta que o dado instrumento apresenta uma versão para o pai e uma para a mãe, os resultados irão ser descritos em conformidade nas Tabelas 2 e 3.

Relativamente à versão do pai, observou-se no Teste *Kaiser-Meyer-Olkin* ($KMO = .89$) e no Teste de *Barlett* (3247.47 ; $p = .000$), que o instrumento apresenta valores adequados para a realização da mesma análise (Marôco, 2018). Quanto à versão da mãe, efetuou-se uma vez mais o Teste *Kaiser-Meyer-Olkin* ($KMO = .89$) bem como o teste de *Barlett* (2723.67 ; $p < .001$), o que confirma a adequação nos valores para a prática desta análise.

Na análise de extração de fatores pelo método de componentes principais, forçou-se a existência de somente três fatores, que explicam 59.54% da variância total.

Tabela 2

Validade da escala QEDP (versão pai)

Medidas		
Medida Kaiser-Meyer-Olkin		.888
Teste de esfericidade de Bartlett	Aprox. Qui Quadrado	3247. 468
	gl	496
	p	.000**

Nota. * $p < .05$. ** $p < .01$.

Tabela 3

Validade da escala QEDP (versão mãe)

Medidas		
Medida Kaiser-Meyer-Olkin		.890
Teste de esfericidade de Bartlett	Aprox. Qui Quadrado	2723. 656
	gl	496
	p	<0.001**

Nota. * $p < .05$. ** $p < .01$.

Fiabilidade

A fiabilidade das dimensões foi avaliada pela análise da consistência interna com recurso ao *Alfa de Cronbach*. O valor de referência para consideração de uma boa consistência interna foi de $\alpha > .70$ (Marôco & Garcia-Marques, 2006).

Mais concretamente, analisando os resultados da Tabela 4, a escala total apresentou os seguintes valores: .84/ .75, para o pai e para a mãe, respetivamente. Na dimensão estilo autoritativo, os valores de α foram de .95/ .92, compondo as seguintes subdimensões: apoio e afeto ($\alpha = .90/ .65$); regulação ($\alpha = .89/ .86$); cedência de autonomia e participação democrática ($\alpha = .90/ .85$). A dimensão estilo autoritário ($\alpha = .85/ .83$) inclui as subdimensões coerção física ($\alpha = .88/ .86$); hostilidade verbal ($\alpha = .53/ .40$) e punição ($\alpha = .78/ .76$). Por fim, a dimensão estilo parental permissivo ($\alpha = .49/ .41$) inclui a indulgência ($\alpha = .49/ .40$).

Tendo em conta os resultados apurados, concluiu-se que, a escala na sua generalidade apresenta índices moderados a elevados, à exceção da dimensão hostilidade verbal, bem como indulgência, as quais contém índices baixos, não indo ao encontro da referência estipulada ($\alpha > .70$).

Tabela 4*Fiabilidade das dimensões da escala QEDP*

Dimensão	Nº de itens	α	
		Pai	Mãe
Estilo Autoritativo		.95	.92
Apoio e afeto	5	.90	.70
Regulação	5	.89	.86
Cedência de autonomia e participação democrática	5	.90	.85
Estilo Autoritário		.85	.83
Coerção física	4	.88	.86
Hostilidade verbal	4	.53	.40
Punição	4	.78	.76
Estilo Permissivo		.49	.41
Indulgência	5	.49	.41
Total	32	.84	.75

Sensibilidade

A sensibilidade das dimensões foi verificada por confirmação da normalidade da distribuição dos resultados com recurso ao teste de ajustamento *Kolmogorov-Smirnov* (KS) usando o valor de referência de p-value < .05 (Marôco, 2018); assim como pelo cálculo dos índices de assimetria e curtose com valores de referência de <|3| e <|8|, respetivamente (Kline, 2016).

Nesta análise aferiu-se que, apenas a subdimensão regulação na versão da mãe atingiu uma distribuição normal. No entanto, quanto à assimetria e curtose, verificaram-se valores adequados em todas as dimensões, segundo os valores de referência acima indicados.

Tabela 5*Sensibilidade das dimensões da escala QEDP (versão pai)*

Dimensão	K-S	<i>p</i>	Assimetria	Curtose
Estilo	.08	.04	.11	-.96
Autoritativo				
Apoio e afeto	.09	.001	.12	-1.07
Regulação	.09	.002	.13	-.99
Cedência de autonomia e participação democrática	.090	.004	.139	-.95
Estilo	.141	<.001	1.36	1.96
Autoritário				
Coerção física	.24	<.001	1.92	4.23
Hostilidade verbal	.19	<.001	.45	.04
Punição	.19	<.001	1.42	2.18
Estilo	.14	<.001	.88	.86
Permissivo				
Indulgente	.14	<.001	.88	.86

Tabela 6*Sensibilidade das dimensões da escala QEDP (versão mãe)*

Dimensão	K-S	p	Assimetria	Curtose
Estilo	.06	.20*	-.14	-.81
Autoritativo				
Apoio e afeto	.09	.01	-.41	-.67
Regulação	.07	.06*	-.05	-.80
Cedência de autonomia e participação democrática	.09	.00	.05	-1.02
Estilo	.14	<.001	.91	.40
Autoritário				
Coerção física	.19	<.001	1.57	2.13
Hostilidade verbal	.09	.01	.15	-.42
Punição	.130	<.001	.71	-.11
Estilo	.134	<.001	.61	-.20
Permissivo				
Indulgente	.13	<.001	.61	-.20

Escala de Vinculação do Adulto*Validade*

De acordo com a análise exploratória realizada, o Teste *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO= 0.89) bem como o Teste de *Barlett* (1581.17; $p < .001$) apresentam valores ajustados para a realização desta análise. Quanto à exploração dos fatores, este instrumento parece saturar ao nível de 3 componentes, o que indica 62.18% da variância total explicada.

Tabela 7*Validade da escala EVA*

Medidas		
Medida Kaiser-Meyer-Olkin		.89
Teste de esfericidade de Bartlett	Aprox. Qui Quadrado	1581.17
	gl	153
	p	<.001

Nota. * $p < .05$. ** $p < .01$.

Fiabilidade

Na análise do *Alpha de Cronbach*, verificaram-se os seguintes valores: escala total ($\alpha = 0.87$), dimensão ansiedade ($\alpha = .87$); conforto com a proximidade (.68); e confiança nos outros (.65). Os resultados demonstram que as duas últimas dimensões apresentam índices desajustados, porém as restantes dimensões evidenciam índices elevados.

Tabela 8*Fiabilidade das dimensões da escala EVA*

Dimensão	Nº de itens	α
Ansiedade	6	.87
Conforto com a proximidade	6	.68
Confiança nos outros	6	.65
Total	18	.87

Sensibilidade

Com recurso ao Teste de *Kolmogorov-Smirnov* (KS), verificou-se que apenas a dimensão conforto com a proximidade, apresenta os requisitos necessários para atingir uma distribuição normal. Por sua vez, no que concerne aos valores de assimetria e curtose, apresentam valores ajustados em todas as dimensões.

Tabela 9*Sensibilidade das dimensões da escala EVA*

Dimensão	K-S	p	Assimetria	Curtose
Ansiedade	.10	<.001	.27	-.93
Conforto com a proximidade	.07	.10	-.08	-.06
Confiança nos outros	.12	<.001	-.30	-.83

Questionário de Competências Sociais e Emocionais*Validade*

Foi realizada uma Análise Fatorial exploratória, onde se verificou no Teste *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO=.90) e no Teste de *Barlett* (1538.46; $p < .001$) que o instrumento apresenta os requisitos necessários à efetivação desta análise concreta. No que concerne à análise fatorial de componentes principais, forçou-se a existência de somente quatro fatores, explicando assim 71.31% da variância total.

Tabela 10*Validade da escala QCSE*

Medidas		
Medida Kaiser-Meyer-Olkin		.90
Teste de esfericidade de Bartlett	Aprox. Qui Quadrado	1538. 463
	gl	120
	p	<.001**

Nota. * $p < .05$. ** $p < .01$.

Fiabilidade

Com recurso ao *Alpha de Cronbach*, concluiu-se que este instrumento apresenta uma fiabilidade adequada, apresentando valores elevados em todas as suas dimensões: escala total ($\alpha = .93$), para a dimensão autoconceito ($\alpha = .85$), autogestão e motivação ($\alpha = .84$), consciência social e comportamento pró social ($\alpha = .86$) e tomada de decisão ($\alpha = .86$).

Tabela 11*Fiabilidade das dimensões da escala QCSE*

Dimensão	Nº de itens	α
Autoconceito	4	.85
Autogestão e motivação	3	.84
Consciência social e comportamento pró social	6	.86
Tomada de decisão	3	.86
Total	16	.93

Sensibilidade

De modo a aferir a normalidade dos dados, procedeu-se à análise do Teste *Kolmogorov-Smirnov* (KS), sendo que nenhuma das variáveis foi ao encontro dos requisitos para atingir uma distribuição normal. Nas medidas de assimetria e curtose, os valores apresentam-se como ajustados, tendo em conta os valores de referência.

Tabela 12*Sensibilidade das dimensões da escala QCSE*

Dimensão	K-S	p	Assimetria	Curtose
Autoconceito	.17	<.001	-1.41	3.50
Autogestão e motivação	.21	<.001	-1.01	-.70
Consciência social e comportamento pró social	.15	<.001	-1.50	3.50
Tomada de decisão	.22	<.001	-.80	-.14

4.2. Análise descritiva das variáveis em estudo

Procedeu-se à análise descritiva das variáveis em estudo, que será apresentada na Tabela 13.

Iniciando a análise na variável estilos parentais, compreende-se, que os participantes têm tendência a perceber os seus pais como tendo tido atitudes características de um estilo Parental Autoritativo, tanto o pai ($M= 43.08$) como a mãe ($M= 46.53$), sendo que se situam nas suas pontuações máximas no que respeita a este estilo (Máx. 74; 75), no pai e na mãe, respetivamente. Estas conclusões contrapõem-se aos resultados relativamente ao Estilo Permissivo, onde se verificou menor média, no pai e na mãe, respetivamente ($M= 8.70$; 9.52).

Relativamente aos estilos de vinculação, observou-se que os participantes apresentam menores médias na dimensão ansiedade ($M= 2.82$) e maiores na dimensão conforto com a proximidade ($M= 3.46$). É também importante mencionar que, a resposta mínima, no que toca à dimensão Confiança nos outros, foi 2, o que revela que nenhum dos participantes se enquadra no extremo “Nada característico em mim”.

Por fim, no que concerne à variável competências socioemocionais, verificou-se que a maior média se situa na dimensão Consciência social e Comportamento pró social ($M= 24.39$), enquanto que a menor média se encontra na dimensão Autogestão e Motivação ($M= 11.55$). É também de notar que os participantes, obtiveram uma média total de 66, o que nos indica que os participantes, no seu geral, apresentam um nível elevado de competências socioemocionais, sendo que o máximo total possível é 80.

Tabela 13*Estatística descritiva das variáveis em estudo*

Variável		Min.	Máx.	Média (M)	Desvio- padrão
Estilos Parentais					
Pai/Mãe	Autoritativo	15 / 19	74 / 75	43.08 / 46.53	15.58 / 13.83
	Autoritário	12 / 14	56 / 48	24.39 / 26.17	7.99 / 7.68
	Permissivo	5 / 5	19 / 17	8.70 / 9.52	2.72 / 2.88
	Estilos de Vinculação				
	Ansiedade	1	5	2.82	.99
	Conforto com a proximidade	1	5	3.46	.69
Competências Socioemocionais	Confiança nos outros	2	4	3.15	.71
	Autoconceito	4	20	16.47	2.82
	Autogestão e motivação	3	15	11.55	2.69
	Consciência Social e Comportamento Prosocial	6	30	24.39	4.11
	Tomada de decisão	4	15	11.80	2.60
	Total	17	80	66	10.29

4.3 Diferenças em função das variáveis sociodemográficas

Para se verificar se existem diferenças significativas nos estilos parentais, estilos de vinculação e competências socioemocionais em função do sexo, utilizou-se o teste *t* de

Student para diferenças de médias, com grupos independentes. Neste sentido, a igualdade das variâncias foi assumida, uma vez que a amostra é constituída por mais de 30 sujeitos (Cohen, 1988). Com base nos resultados, concluiu-se que não existem diferenças estatisticamente significativas ($p > .05$), entre o sexo e as restantes variáveis em estudo (Tabela 14).

De modo a analisar a existência de diferenças ao nível do Estatuto Socioeconómico em função do sexo, recorreu-se ao teste não-paramétrico *Mann-Whitney*, uma vez que estamos perante uma variável ordinal (Estatuto Socioeconómico) e uma variável nominal (Sexo). Assim, conforme os resultados da Tabela 15, verifica-se que não existem diferenças estatisticamente significativas entre as variáveis. Além disso, utilizou-se também o teste de *Kruskal-Wallis*, tendo em conta o carácter das variáveis e o número de grupos do Estado Civil, não se tendo verificado quaisquer diferenças estatisticamente significativas entre grupos (Tabela 16).

Por sua vez, para se averiguar se existem diferenças significativas nos estilos parentais, estilos de vinculação e competências socioemocionais em função do estatuto socioeconómico e do estado civil e, utilizou-se o teste ANOVA *One Way*. Tal como apresentado na Tabela 17 é possível verificar que existem diferenças estatisticamente significativas apenas na dimensão estilo autoritativo da mãe ($F(2,150) = 4.91, p = .01$) e na dimensão ansiedade ($F(2,150) = 4.23, p = .016$) em função do estatuto socioeconómico. De modo a analisar onde se concretizam tais diferenças, realizou-se o teste *Bonferroni* de comparações múltiplas. No caso do estilo autoritativo da mãe, estas diferenças verificam-se entre o estatuto socioeconómico baixo e médio, bem como entre o baixo e alto, sendo que a maior média se observa no estatuto socioeconómico médio ($M = 52.29$); já na dimensão ansiedade, as diferenças confirmam-se entre o baixo e alto, existindo uma média superior no estatuto socioeconómico alto ($M = 3.10$). Todavia, não se verificam diferenças estatisticamente significativas entre os estados civis no que respeita a todas as variáveis em estudo (Tabela 18).

Tabela 14*Resultados do teste t de Student para a variável sociodemográfica sexo*

Variável			Mulher	Homem	t	p
			(M)	(M)		
Estilos Parentais	<i>Autoritativo</i>	Pai	43.11	43.03	.03	.37
		Mãe	48.74	48.15	.25	.09
	<i>Autoritário</i>	Pai	23.10	26.76	-2.76	.11
		Mãe	25.33	27.70	-1.83	.68
	<i>Permissivo</i>	Pai	8.46	9.13	-1.45	.32
		Mãe	9.23	10.06	-1.70	.17
Estilos de vinculação	Ansiedade		2.83	2.81	.10	.491
	Conforto com a proximidade		3.43	3.52	-.74	.44
	Confiança nos outros		3.18	3.10	.61	.15
Competências	Autoconceito		4.12	4.12	-.035	.734
Socioemocionais	Autogestão e motivação		3.82	3.90	-.462	.96
	Consciência social e comportamento pró social		4.10	4.01	.75	.41
	Tomada de decisão		3.95	3.91	.26	.93

Tabela 15*Resultados do teste Mann-Whitney para a variável sociodemográfica Sexo*

Variável	<i>Mann-Whitney U</i>	<i>F</i>	<i>p</i>
Estatuto	2465.00	-.850	.395
Socioeconómico			

Tabela 16*Resultados do teste Kruskal-Wallis para a variável Estado Civil*

Variável	<i>Kruskal-Wallis H</i>	<i>df</i>	<i>p</i>
Estatuto	6.86	3	.08
Socioeconómico			

Tabela 17*Resultados do teste ANOVA One Way para a variável sociodemográfica Estatuto**Socioeconómico*

Variável			Média	Média	Média	F	p
			Baixo	Médio	Alto		
Estilos Parentais	Autoritativo	Pai	39.81	45.69	44.66	2.09	.13
		Mãe	44.19*	52.29*	50.43*	4.91	.01*
	Autoritário	Pai	24.46	23.74	24.70	.16	.85
		Mãe	27.53	23.71	26.31	2.75	.07
	Permissivo	Pai	8.51	8.37	9.07	.94	.392
		Mãe	9.40	8.94	9.97	1.50	.23
Estilos de vinculação	Ansiedade		2.30*	2.70	3.10*	4.23	.02*
	Conforto com a proximidade		11.72	3.46	3.49	.12	.89
	Confiança nos outros		3.43	3.46	3.49	.52	.59
Competências	Autoconceito		16.63	16.40	16.36	.15	.86
Socioemocionais	Autogestão e motivação		23.75	11.97	11.15	1.23	.29
	Consciência social e comportamento pró social		3.43	25.00	24.64	1.18	.31
	Tomada de decisão		11.75	11.49	12.02	.47	.63

*Nota. *p < .05. **p < .01.*

Tabela 18

Resultados do teste ANOVA One Way para a variável sociodemográfica Estado Civil

Variável			Média	Média	Média	Média	F	p
			Solteiro	Casado	Divorciad	Viúvo		
			o					
Estilos Parentais	Autoritativo	Pai	47.56	43.22	38,09	38.26	2.63	.06
		Mãe	51.81	47.67	46.64	48.53	1.19	.32
	Autoritário	Pai	24.19	23.81	24.36	24.68	.58	.63
		Mãe	24.98	26.55	27.41	26.05	.59	.62
	Permissivo	Pai	9.19	8.52	8.59	8.70	.66	.58
		Mãe	9.86	9.46	10.05	8.37	1.49	.22
Estilos de vinculação	Ansiedade		2.30*	2.90	2.97	2.45	1.09	.36
	Conforto com a proximidade		11.72	3.43	3.58	2.97	.627	.60
	Confiança nos outros		3.43	3.16	3.44	3.58	1.54	.21
Competências	Autoconceito		16.63	16.30	15.95	3.44	.84	.48
Socioemocionais	Autogestão e motivação		23.75	11.32	11.23	15.95	.67	.57
	Consciência social e comportamento pró social		3.43	23.84	23.68	11.23	1.57	.20
	Tomada de decisão		11.75	11.65	11.23	23.68	.83	.48

4.4 Estudos preditivos

4.4.1 Correlação entre as variáveis

Com o objetivo de averiguar o valor preditivo das variáveis em estudo, de forma a testar a hipótese 2 realizou-se uma matriz de intercorrelações (Tabela 14).

Os resultados obtidos permitem concluir que:

No que concerne aos Estilos Parentais, constata-se que o Estilo parental Autoritativo do pai, apresenta relação estatisticamente significativa com as seguintes dimensões: Estilo parental Autoritativo da mãe ($r = .732$; $p = .05$), sendo esta positiva; Estilo Parental Autoritário do pai ($r = -.292$; $p = <.001$), a qual se caracteriza como negativa; Competências Socioemocionais ($r = .200$; $p = .05$); Conforto com a Proximidade ($r = .316$; $p = <.001$) e Confiança nos outros ($r = .191$; $p = .05$). Estes resultados demonstram que a relação entre as variáveis apresentadas é, na sua generalidade, fraca, à exceção da primeira, a qual se considera forte.

Quanto à dimensão Estilo parental Autoritativo da mãe, a relação é estatisticamente significativa nos componentes Estilo parental Autoritário do pai ($r = -.247$; $p = <.001$); Competências Socioemocionais ($r = .263$; $p = <.001$); Dimensão Ansiedade ($r = -.213$; $p = .001$); Conforto com a Proximidade ($r = .361$; $p = <.001$); Confiança nos outros ($r = .183$; $p = .05$), sendo todas as correlações de intensidade fraca.

Relativamente à dimensão Estilo Autoritário do pai, afere-se que existe correlação apenas com o Estilo Autoritário da mãe ($r = -.569$; $p = <.001$); Estilo Permissivo do pai ($r = .184$; $p = <.001$); e Confiança nos Outros ($r = -.228$; $p = <.001$). As presentes correlações são fracas, à exceção da primeira que se apurou como moderada.

Na dimensão Estilo Permissivo do pai, verificou-se correlacionada com o Estilo Permissivo da mãe ($r = .615$; $p <.001$) e com Competências Socioemocionais ($r = -.256$; $p <.001$), sendo a primeira de caráter forte e a última fraca. Já no Estilo Permissivo da mãe, a relação estatisticamente significativa concentra-se nas Competências Socioemocionais ($r = -.185$; $p = .05$), sendo esta negativa e fraca.

Na variável Estilos de Vinculação, verifica-se a existência de uma relação estatisticamente significativa entre a dimensão Ansiedade, Conforto com a Proximidade ($r = -.377$; $p <.001$) e Confiança nos Outros ($r = -.582$; $p <.001$), as quais variam ambas no sentido negativo com uma intensidade moderada. No Conforto com a Proximidade, a relação está presente na dimensão Confiança nos Outros ($r = .336$; $p = <.001$), sendo positiva e moderada.

Em relação à variável Competências Socioemocionais, averiguou-se que apresenta relação estatisticamente significativa com a dimensão Ansiedade, a qual se qualifica como negativa e moderada ($r = -.368$; $p < .001$).

Além disso, com o objetivo de analisar a relação entre o Estatuto Socioeconómico e as restantes variáveis realizou-se uma correlação de *Spearman* devido ao carácter desta variável sociodemográfica, tendo-se verificado a existência de uma relação estatisticamente significativa e positiva entre esta variável e o Estilo Autoritativo da mãe ($r = .206$; $p = .01$) e a subescala Ansiedade ($r = .229$; $p = .00$).

Tabela 19*Matriz de correlações entre as variáveis em estudo*

Variável	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1. Estilo autoritativo do pai	-	-.732**	-.292**	-.309	.030	-.117	-.152	.316**	.191*	.200*	.140
2. Estilo autoritativo da mãe		-	-.247**	-.490	-.086	-.095	.213**	.361**	.183*	.263**	.206*
3. Estilo autoritário do pai			-	-.569**	.184**	.085	.127	-.094	-.228**	.007	.006
4. Estilo autoritário da mãe				-	.034	.123	.212**	-.163*	-.269**	-.042	-.060
5. Estilo permissivo do pai					-	.615**	.050	-.013	.039	-.256**	.053
6. Estilo permissivo da mãe						-	.006	-.030	.037	-.185*	.055
7. Ansiedade							-	-.377**	-.582**	-.055	.229**
8. Conforto com a proximidade								-	.336**	-.368**	-.063
9. Confiança nos outros									-	.016	-.057
10. Total QCSE										-	-.065
11. Estatuto Socioeconómico											-

*Nota. * $p < .05$. ** $p < .01$.*

4.4.2 Análise de regressões múltiplas

Com o intuito de compreender o efeito preditor dos estilos parentais, do estatuto socioeconómico dos pais e dos estilos de vinculação nas competências socioemocionais (teste das hipóteses 3 e 4), recorreu-se à análise de regressão múltipla. Esta análise permite interpretar quais as variáveis independentes que predizem a variável dependente, bem com o nível desta predição por meio da variância explicada.

Desta forma, para a realização do modelo, foram inseridas como variáveis independentes os estilos parentais, os estilos de vinculação e o estatuto socioeconómico dos pais e como variável dependente as competências socioemocionais. Além disso, incluiu-se variáveis de interação, as quais resultaram do cruzamento entre as variáveis independentes Estilos Parentais e Estilos de Vinculação.

De modo a verificar a validade do modelo, analisaram-se os pressupostos deste tipo de análise, nomeadamente, a homocedasticidade dos resíduos, a distribuição normal dos resíduos e por fim, a multicolinearidade. Posto isto, verificou-se através do teste de *Kolmogorov-Smirnov* ($p = .20$) que o modelo apresenta normalidade dos resíduos; a homocedasticidade foi analisada através da introdução da variância dos resíduos como variável dependente, obtendo-se $p > .05$, o que indica que o modelo é homocedástico, pois a variabilidade dos fatores não observados não dependem dos valores das variáveis explicativas; e por fim, a multicolinearidade, isto é, a relação linear entre duas variáveis preditoras, averiguou-se através dos valores de VIF. Os valores deste parâmetro devem ser inferiores a 10, tendo-se verificado no modelo presente, o que indica que não existe multicolinearidade.

Verificados os pressupostos para a análise da regressão múltipla, importa mencionar os resultados do modelo. O presente modelo de regressão demonstrou ser significativo, $F(4, 148) = 6.26$, $p < .001$, apresentando um poder explicativo de 12%, sendo assim um modelo com pouco poder preditivo. Neste modelo, a presença de um estilo Estilo parental autoritativo no pai ($\beta = .20$; $t = 2.56$, $p = .01$), o Estilo Permissivo do Pai ($\beta = -.23$; $t = 2.95$, $p = .004$) Estilo Autoritário do pai em interação com um Estilo de Vinculação Amedrontado ($\beta = .37$; $t = 1.98$, $p = .050$) e um Estilo Permissivo da mãe em conjunto com um Estilo de vinculação amedrontado ($\beta = -.46$; $t = -2.46$, $p = .02$) mostraram-se preditores significativos das competências socioemocionais. O estatuto socioeconómico dos pais foi eliminado do modelo, tendo em conta que não se mostrou explicativo da variável dependente.

Tabela 20*Regressão linear múltipla*

Variáveis	R²	R² ajustado	F	DP	β	t	p
Constante	.15	.12	6.26	3.39			<.001**
Estilo Autoritativo (Pai)				.05	.20	2.56	.001**
Estilo Permissivo (Pai)				.29	-.23	2.95	.004**
Estilo Autoritário - Estilo de Vinculação Ansioso (Mãe)				.15	.37	1.98	.05*
Estilo Permissivo - Estilo de Vinculação Ansioso (Mãe)				.45	-.456	-2.46	.02*

Nota. * $p < .05$. ** $p < .01$.

V. DISCUSSÃO

O presente estudo, centrado na temática dos estilos parentais e competências socioemocionais, teve como objetivo principal compreender o efeito preditor dos estilos parentais, dos estilos de vinculação e dos estatutos socioeconómico nas competências socioemocionais na população adulta, uma vez que os estudos acerca deste tema têm como população-alvo crianças e adolescentes, centrando-se neste fator a pertinência desta investigação. Neste capítulo pretende-se interpretar e dar significado aos resultados que foram apresentados nos capítulos anteriores, fundamentando-os teoricamente.

Em primeiro lugar, tendo em conta os resultados das análises descritivas efetuados, é perceptível que a maioria dos participantes tende a percecionar as atitudes e práticas dos seus pais como características de um estilo autoritativo. Além disso, apresentam, em média, um nível de competências socioemocionais elevado, aproximando-se do limiar máximo. É também importante salientar que os participantes apresentam menores níveis de Ansiedade e maiores níveis de Conforto com a Proximidade, o que indica baixos níveis de ansiedade face à separação e abandono e ao mesmo tempo, níveis elevados de conforto relativo à proximidade e intimidade, o que poderá então indicar uma maior presença de um estilo de vinculação seguro (Canavarro, 2006).

No seguimento dos objetivos do estudo, pretendeu-se compreender se existem diferenças significativas na utilização dos estilos parentais em função das variáveis sociodemográficas, dando origem à hipótese 1. Na análise dos resultados de comparação entre grupos, constata-se diferenças entre o estatuto socioeconómico no Estilo Parental Autoritativo da mãe, representando maiores médias no estatuto socioeconómico médio, o que indica que existe uma maior prevalência do estilo parental autoritativo maternal nos participantes cujos pais possuem um estatuto socioeconómico médio.

Como segundo objetivo, pretendeu-se analisar a relação entre estilos parentais e competências socioemocionais. Os resultados confirmam a H2.1, indo ao encontro da evidência. Sabe-se que o estilo parental autoritativo é o estilo parental relacionado a melhores efeitos positivos em diversas áreas do desenvolvimento (e.g., Baumrind, 1971; Zhang et al., 2022). De salientar que a presença de um estilo autoritativo contribui para o desenvolvimento socioemocional, uma vez que este estilo parental envolve a socialização das emoções, no qual os pais unem esforços para ensinar aos filhos as diferentes emoções, o seu papel e compreensão das mesmas, permitindo assim uma maior expressão emocional e conhecimento acerca das emoções (Ndengeyingoma et al., 2022), sendo que crianças cujos pais têm uma maior expressão de afeto positivo, apresentam maior propensão para expressarem emoções positivas

com os pares. Além disso, o encorajamento positivo dos pais, em conjunto com fornecimento de *feedback* quanto às suas competências, permite uma maior autorregulação e recursos para lidar com as suas emoções ou eventos negativos (Sá, 2017). Consequentemente, a disponibilidade e responsividade presentes no estilo parental autoritativo encontram-se associado a maiores níveis de regulação emocional, inteligência emocional, competências sociais e comportamentos pró-sociais (Argyriou et al., 2016; Segrin & Flora, 2019; Manzeske & Stright, 2009).

Relativamente à H2.2, a análise correlacional efetuada demonstrou que esta não se confirma, uma vez que não se estabeleceu uma relação estatisticamente significativa entre o estilo parental autoritário e as competências socioemocionais. O presente estilo parental distingue-se por elevados níveis de exigência e baixos níveis de responsividade, no qual se valoriza a obediência, controlo e uso de medidas, apresentando afeto negativo (Rudy & Grusec, 2001), o que poderá contribuir para uma menor autonomia e compreensão das emoções e por outro lado, maior reatividade e desregulação emocional. Além disso, tem implicações nas competências sociais, menor aceitação dos pares e menores níveis de comportamento pró social (Sá, 2017; Chan et al., 2009). Os estudos referem que as características de um estilo autoritário se acompanham de consequências negativas, tais como, maiores níveis de ansiedade, comportamentos externalizantes (e.g., hostilidade e agressividade) bem como menores competências sociais (Lavrič & Naterer, 2020; Muñoz et al., 2017).

Desta forma, seria expectável que se verificasse uma relação negativa entre o estilo parental autoritário e competências socioemocionais, como se revelou em diversos estudos (Kilic et al., 2015; Mousavi & Juhari, 2019). No entanto, resultados observados podem estar relacionados com o tamanho da amostra, podendo não ser suficiente para detetar associações significativas entre o estilo parental autoritário e as competências socioemocionais dos participantes do estudo. Outra razão pode depreender-se com a influência de variáveis externas (e.g., nível de escolaridade dos participantes, emprego) que podem influenciar o nível de competências socioemocionais, tendo em conta que o efeito dos estilos parentais na idade adulta não é tão significativo quanto na infância e adolescência. Além disso, o tipo de competências socioemocionais avaliados através do questionário utilizado na presente investigação pode exercer influência nos resultados, tendo em conta que nos estudos em que existe esta associação negativa o tipo de competências avaliadas não é o mesmo. Neste sentido, o estilo parental autoritário poderá exercer efeito em determinadas competências em detrimento das demais.

No que concerne aos resultados da hipótese H2.3, esta foi confirmada, tendo-se observado relação negativa, indo assim ao encontro de alguns estudos (Segrin & Flora, 2019;

Baumrind et al., 2013), embora a evidência acerca deste estilo parental seja escassa, verificando-se em diferentes estudos a inexistência de relação entre o mesmo e competências socioemocionais (Argyriou et al., 2016; Chong & Chan, 2015). Esta associação pode estar relacionada com as características e efeitos de um estilo permissivo, uma vez que o mesmo se destaca pela sua falta de limites e regras, inconsistência nos comportamentos bem como intrusividade (Pinquart & Gerke, 2019). Estes atributos podendo contribuir para a diminuição da sua autonomia e auto-regulação, tendo em conta que existe muito pouca diretividade no comportamento e socialização, o que impede uma comunicação efetiva relação entre pais e filho acerca das emoções, componente fulcral no desenvolvimento socioemocional (Morris et al., 2007; Segrin & Flora, 2019).

Outras razões associadas a resultados podem dever-se à validade do Questionário de Estilos e Dimensões Parentais para captar a dimensão do estilo permissivo, pois apresenta apenas 5 itens e os mesmos apresentam baixa fiabilidade, o que poderá indicar a inadequação dos itens para avaliar o presente estilo.

A hipótese 3 foi confirmada, uma vez que o modelo de regressão revelou que a variável de interação entre o estilo parental autoritário e o estilo de vinculação ansioso se mostrou preditora das competências socioemocionais, assim como a interação entre um estilo permissivo da mãe e um estilo de vinculação ansioso. A literatura menciona que os estilos de vinculação influenciam os comportamentos parentais, mais concretamente alguns estudos apontam que um estilo de vinculação seguro se encontra associado ao estilo parental autoritativo, enquanto que um estilo de vinculação inseguro ansioso e evitante estão relacionados com o estilo autoritário e permissivo (Branjerdporn et al., 2019; Ebrahimi et al., 2017). Além disso, um estilo de vinculação ansioso encontra-se relacionado negativamente com a inteligência emocional, competências sociais e regulação de emoções (DiTommasco et al., 2003; Walker et al., 2022), associado a dificuldades na identificação e gestão das emoções e maiores níveis de emoções negativas (Collins & Read, 1990). Assim, tendo em conta que o estilo parental autoritário tem estado associado negativamente aos níveis de competências socioemocionais e que o estilo de vinculação ansioso parece também desfavorecer o desenvolvimento socioemocional, não seria expectável que a junção destas duas variáveis fosse preditora das competências socioemocionais, embora se esperasse um efeito de interação entre as variáveis de interação.

Por outro lado, o efeito de interação negativo confirmado entre o estilo permissivo da mãe e um estilo ansioso pode estar relacionado também com a relação entre este estilo e as competências socioemocionais. Tal como já referido anteriormente, este estilo é caracterizado

por baixos níveis de diretividade e ao mesmo tempo, inconsistência no comportamento parental, indo ao encontro de um estilo de vinculação ansioso que também se prende com a instabilidade na responsividade e cuidado maternal. Dadas as semelhanças e os efeitos negativos de ambos nas competências socioemocionais, seria de esperar um efeito de predição negativo.

Por fim, para concluir o último objetivo, testou-se a hipótese 4, a qual não se confirmou, tendo em conta que a variável Estatuto Socioeconómico foi excluída automaticamente do modelo por não se considerar explicativa das competências socioemocionais. Vários estudos (Fletcher & Wolfe, 2016; Farkas et al., 2017; Hosokawa & Katsura, 2018; Shi et al., 2022) indicam que o estatuto socioeconómico apresenta uma relação positiva com o nível de competências socioemocionais e pelo contrário, o estatuto baixo exerce um efeito negativo nas mesmas. Porém, seria de esperar que o estatuto socioeconómico não exercesse um efeito preditor sobre as competências socioemocionais, uma vez que, até à data, não existem estudos que indiquem esse efeito. Além disso, os próprios estudos que abordam a relação entre as variáveis, indicam que a relação direta entre é difícil de contemplar, uma vez que esta envolve multiplicidade de fatores que a influenciam, o que dificulta o estabelecimento desta relação. Outro motivo pelo qual se deve refletir acerca do resultado da presente hipótese, consta na presença de um efeito distal do estatuto socioeconómico dos pais na amostra do presente estudo, tendo em conta que se dirige à população adulta, sendo que o próprio estatuto socioeconómico dos participantes terá um efeito de maior dimensão.

5.1 Implicações práticas

Tendo em conta a importância cada vez maior das competências socioemocionais nas diversas áreas, onde o seu desenvolvimento é influenciado por múltiplos fatores, é importante refletir acerca das implicações práticas do presente estudo.

Assim, importa em primeiro lugar, ressaltar que os resultados desta investigação revelam o seu contributo para a prática clínica. Mais concretamente, permite aos profissionais de psicologia clínica avaliar e identificar as dificuldades socioemocionais dos clientes, podendo assim focar as suas intervenções no desenvolvimento de competências. Esta atuação junto dos intervenientes permite fornecer um conjunto de ferramentas e técnicas que contribuem para o desenvolvimento socioemocional do indivíduo. Para além disso, possibilita ao profissional o desenvolvimento de programas de intervenção que tenham em conta as características pessoais e fatores contextuais, podendo ser realizados nas universidades, organizações ou junto das

comunidades de modo a mitigar as dificuldades ao nível de competências socioemocionais dos indivíduos em risco de desenvolver problemas emocionais, melhorando assim o seu bem-estar.

Os resultados deste estudo podem, também, ter o seu impacto no modelo de Intervenção Familiar, onde normalmente estão presentes os vários elementos da família. Esta peculiaridade permite então a avaliação das dinâmicas familiares bem como padrões de interação entre pais e filhos, permitindo uma visão holística da influência dos pais nos filhos. Desta forma, o profissional de psicologia atua junto dos padrões e práticas parentais, pondo fim aos padrões disfuncionais caso existam, a fim de capacitar os pais com estratégias e competências parentais adequadas que contribuem para um desenvolvimento socioemocional positivo e saudável dos filhos.

5.2 Limitações e recomendações para estudos futuros

Ao longo da elaboração do presente estudo, verificaram-se algumas limitações que devem ser tidas em conta na realização de estudos futuros, devendo ser colmatadas de modo a aumentar a robustez do estudo.

Em primeiro lugar, é necessário mencionar os pontos fracos identificados no processo de recolha de dados. Uma das limitações relaciona-se com a dimensão da amostra ($N= 153$), a qual detém um poder amostral baixo, não permitindo assim representatividade do universo escolhido ou generalização dos resultados, o que compromete a validade interna do estudo.

Aliado à dimensão da amostra, como foi referido no capítulo do Método, foram eliminados 48 participantes. Esta exclusão prendeu-se com a resposta “Reformado/a” ou “Falecido/a” - inválida - na recolha da variável sociodemográfica profissão dos pais, uma vez que impossibilitou o acesso à profissão dos mesmos e, consequentemente, ao seu estatuto socioeconómico. Esta ocorrência constitui uma falha metodológica, aquando da realização do questionário, onde não se previu a existência de indivíduos com o estatuto de reforma e falecido/a.

Em consonância com a limitação anterior, importa mencionar que a amplitude de idades tão alargada acarreta uma, também, uma falha metodológica, uma vez que efeito dos estilos parentais em indivíduos com uma idade superior é distal, enquanto que em idades mais jovens têm um efeito proximal, o que indica que existe uma panóplia de variáveis externas que pode explicar o nível de competências socioemocionais, que não os estilos parentais em si. No entanto, é necessário salientar que se optou por alargar o espectro de idades de modo a obter uma amostra de maior dimensão. Importa mencionar, do mesmo modo, que grande parte da literatura suportada nesta dissertação se baseia em estudos com amostras de crianças e/ou

adolescentes, existindo uma escassez de estudos na população adulta, o que aporta também uma limitação em si.

Outra limitação remete para a adaptação dos itens de modo retrospectivo no Questionário de Estilos e Dimensões Parentais (QEDP), uma vez que a percepção dos factos avaliados pode estar distorcida e pouco precisa, não correspondendo à realidade, tendo em conta que depende da memória dos participantes e sofre de igual forma, influência de variáveis como as experiências de vida.

Em concordância com o que foi dito anteriormente, importa mencionar que a realização de um questionário via online pode conter diversas variáveis “parasita” (e.g., condições ambientais, estado emocional do indivíduo, desejabilidade social), que ao não serem controladas, podem interferir nos resultados obtidos. Também o fator autorrelato presente em todos os instrumentos acarreta limitações, na medida em que os indivíduos podem não responder de forma honesta ou de acordo com a desejabilidade social, existindo assim um enviesamento das respostas dadas.

Por último, o carácter transversal do presente estudo constitui, também, uma limitação, pois não permite a avaliação do nível de competências socioemocionais prévias ao estudo (e.g., na adolescência), impossibilitando assim concluir se os resultados se devem exclusivamente aos estilos parentais em si ou a outras variáveis externas.

Descritas as limitações do estudo, é imprescindível fazer alusão a algumas recomendações para estudos futuros de modo a colmatar essas mesmas limitações. Deste modo, sugere-se que em estudos futuros a amostra seja de maior dimensão para que seja suficientemente robusta e aumente a validade do estudo. Para além disso, recomenda-se o uso de instrumentos adaptados para a população adulta para que a sua utilização tenha níveis de validade adequados.

Seria também interessante que, em estudos futuros, se compreendesse o efeito dos estilos parentais nas competências socioemocionais apenas em jovens adultos, por exemplo, dos 18 aos 25 anos, ao invés da aplicação do questionário a participantes de qualquer idade, uma vez que os estilos parentais têm um maior impacto no espectro de idades recomendado.

Para além disso, sugere-se, igualmente, a realização do mesmo estudo em diferentes culturas, de modo a verificar as diferenças entre estas, uma vez que existe cada vez mais literatura que reporta a existência de diferenças culturais no que respeita os estilos parentais, isto é, o estilo parental considerado o mais adequado parece apresentar diferenças entre culturas.

Por fim, a realização deste estudo numa perspectiva longitudinal tornaria o estudo mais rico e robusto, uma vez que permitia a compreensão do efeito dos estilos parentais nas competências socioemocionais ao longo dos vários períodos de desenvolvimento, permitindo assim tirar conclusões de causa-efeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Acosta, P. (2015). *Beyond Qualifications: Returns to Cognitive and Socio-Emotional Skills in Colombia*. <https://ssrn.com/abstract=2667984>
- Agbaria, Q., Mahamid, F. A., & Veronese, G. (2021). The association between attachment patterns and parenting styles with emotion regulation among palestinian preschoolers. *SAGE Open*, 11(1). <https://doi.org/10.1177/2158244021989624>
- Alegre, A. A. (2010). Parenting styles and children's emotional intelligence: what do we know? *The Family Journal*, 19(1), 56–62. <https://doi.org/10.1177/1066480710387486>
- Allen, J. P. (2008). The attachment system in adolescence. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 419–435). The Guilford Press. <https://psycnet.apa.org/record/2008-13837-019>
- Argyriou, E., Bakoyannis, G., & Tantaros, S. (2016). Parenting styles and trait emotional intelligence in adolescence. *Scandinavian Journal of Psychology*, 57(1), 42–49. <https://doi.org/10.1111/sjop.12266>
- Ayoub, M., Gosling, S. D., Potter, J., Shanahan, M. J., & Roberts, B. W. (2017). The relations between parental socioeconomic status, personality, and life outcomes. *Social Psychological and Personality Science*, 9(3), 338-352. <https://doi.org/10.1177/1948550617707018>
- Bakel, H.J.A., & Hall, Ruby A.S. (2018). Parent–child relationships and attachment. In M. Sanders & A. Morawska (1^a ed.), *Handbook of Parenting and Child Development Across the Lifespan* (pp. 47-66). Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-319-94598-9_3
- Bar-On, R. (2006). The Bar-On model of emotional-social intelligence (ESI). *Psicothema*, 18, 13-25. <https://reunido.uniovi.es/index.php/PST/article/view/8415>
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. N. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(2), 226–244. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.61.2.226>
- Baumrind, D. (2013). Authoritative parenting revisited: History and current status. In *American Psychological Association Ebooks* (pp. 11-34). <https://doi.org/10.1037/13948-002>

- Becona, E., Martínez, Ú. F., Calafat, A., Juan, M., Fernández-Hermida, J. R., & Secades-Villa, R. (2011). Parental styles and drug use: A review. *Drugs-education Prevention and Policy*, 19(1), 1–10. <https://doi.org/10.3109/09687637.2011.631060>
- Belsky, J. (2002). Developmental origins of attachment styles. *Attachment & Human Development*, 4(2), 166–170. <https://doi.org/10.1080/14616730210157510>
- Berge, J., Sundell, K., Öjehagen, A., & Håkansson, A. (2016). Role of parenting styles in adolescent substance use: results from a Swedish longitudinal cohort study. *BMJ Open*, 6(1), e008979. <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2015-008979>
- Berkovits, L. D., & Baker, B. J. (2013). Emotion dysregulation and social competence: stability, change and predictive power. *Journal of Intellectual Disability Research*, 58(8), 765–776. <https://doi.org/10.1111/jir.12088>
- Bertola, L., Benseñor, I. M., Barreto, S. M., Giatti, L., Moreno, A. B., Viana, M. C., Lotufo, P. A., & Suemoto, C. K. (2021). Early life socioeconomic status predicts cognition regardless of education level. *European Journal of Neurology*, 28(12), 3972–3978. <https://doi.org/10.1111/ene.15042>
- Bisquerra, R. (2009). *Psicopedagogía de las Emociones*. Síntesis. <https://www.sintesis.com/data/indices/9788497566261.pdf>
- Bøe, T., Sivertsen, B., Heiervang, E., Goodman, R., Lundervold, A. J., & Hysing, M. (2013). Socioeconomic status and child mental health: the role of parental emotional well-being and parenting practices. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 42(5), 705–715. <https://doi.org/10.1007/s10802-013-9818-9>
- Booker, J., & Dunsmore, J. C. (2016). Affective social competence in adolescence: current findings and future directions. *Social Development*, 26(1), 3–20. <https://doi.org/10.1111/sode.12193>
- Bradley, R. H., & Corwyn, R. F. (2002). Socioeconomic status and child development. *Annual Review of Psychology*, 53(1), 371–399. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.53.100901.135233>
- Branjerdporn, G., Meredith, P., Strong, J., & Green, M. (2019). Sensory sensitivity and its relationship with adult attachment and parenting styles. *Plos One*, 14(1). <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0209555>
- Briole, S., Forner, H. L., & Lepinteur, A. (2020). Children’s socio-emotional skills: Is there a quantity–quality trade-off?. *Labour Economics*, 64, 10111. <https://doi.org/10.1016/j.labeco.2020.101811>

- Calafat, A., García, F., Juan, M., Becona, E., & Fernández-Hermida, J. R. (2014). Which parenting style is more protective against adolescent substance use? Evidence within the European context. *Drug and Alcohol Dependence*, 138, 185–192.
<https://doi.org/10.1016/j.drugalcdep.2014.02.705>
- Canavarro, M. C., Dias, P., & Lima, V. S. (2014). A avaliação da vinculação do adulto: Uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult Attachment Scale-R (ASS-R) na população portuguesa. *Psicologia*. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v20i1.381>
- Cardoso, J. M. R., & Veríssimo, M. (2014a). Estilos parentais e relações de vinculação. *Análise Psicológica*, 31(4), 393–406. <https://doi.org/10.14417/ap.807>
- Cardoso, J. M. R., & Veríssimo, M. (2014b). Estilos parentais e relações de vinculação. *Análise Psicológica*, 31(4), 393–406. <https://doi.org/10.14417/ap.807>
- Carr, A. (2017). Social and emotional development in middle childhood. In D. Skuse, H. Bruce, & L. Dowdney (3^a ed.), *Child Psychology and Psychiatry: Frameworks for Clinical Training and Practice* (pp. 83-90). John Wiley & Sons, Ltd.
<https://doi.org/10.1002/9781119170235.ch10>
- Cassoni, C. (2013). *Estilos parentais e práticas educativas parentais: revisão sistemática e crítica da literatura* [Master's thesis, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital da Universidade de São Paulo.
<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-14122013-105111/en.php>
- Chan, S. L., Bowes, J., & Wyver, S. (2009). Parenting style as a context for emotion socialization. *Early Education and Development*, 20(4), 631–656.
<https://doi.org/10.1080/10409280802541973>
- Collie, R. J. (2019). The development of social and emotional competence at school: An integrated model. *International Journal of Behavioral Development*, 44(1), 76–87.
<https://doi.org/10.1177/0165025419851864>
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(4), 644–663. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.58.4.644>
- Conger, R. D., & Donnellan, M. B. (2007). An interactionist perspective on the socioeconomic context of human development. *Annual Review of Psychology*, 58(1), 175–199. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.58.110405.085551>
- Conger, R. D., Conger, K. J., & Martin, M. J. (2010). Socioeconomic status, family processes, and individual development. *Journal of Marriage and Family*, 72(3), 685–704. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2010.00725.x>

- Conroy, K., Sandel, M., & Zuckerman, B. (2010). Poverty Grown Up: How Childhood socioeconomic status impacts adult health. *Journal of Developmental and Behavioral Pediatrics*, 31(2), 154–160. <https://doi.org/10.1097/dbp.0b013e3181c21a1b>
- Costa, B. a. L., & De Souza Fleith, D. (2019). Prediction of academic achievement by cognitive and socio-emotional variables: a systematic review of literature. *Temas em Psicologia*, 27(4), 977–991. <https://doi.org/10.9788/tp2019.4-11>
- Danner, D., Lechner, C. M., & Spengler, M. (2021). Editorial: do we need socio-emotional skills? *Frontiers in Psychology*, 12. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.723470>
- De Neubourg, E., Borghans, L., Coppens, K., & Jansen, M. (2017). Explaining children's life outcomes: parental socioeconomic status, intelligence and neurocognitive factors in a dynamic life cycle model. *Child Indicators Research*, 11(5), 1495–1513. <https://doi.org/10.1007/s12187-017-9481-8>
- Derin, S. Y., Selman, S. B., Alyanak, B., & Soyly, N. (2022). The role of adverse childhood experiences and attachment styles in social anxiety disorder in adolescents. *Clinical Child Psychology and Psychiatry*, 27(3), 644-657. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35258382/>
- Dishion, T. J., & Tipsord, J. M. (2011). Peer contagion in child and adolescent social and emotional development. *Annual Review of Psychology*, 62(1), 189–214. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.093008.100412>
- DiTommaso, E., Brannen-McNulty, C., Ross, L. R., & Burgess, M. A. (2003). Attachment styles, social skills and loneliness in young adults. *Personality and Individual Differences*, 35(2), 303–312. [https://doi.org/10.1016/s0191-8869\(02\)00190-3](https://doi.org/10.1016/s0191-8869(02)00190-3)
- Doinita, N. E., & Maria, N. D. (2015). Attachment and Parenting Styles. *Procedia – Social and Behavioral Sciences*, 203, 199–204. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2015.08.282>
- Eamon, M. K. (2001). The effects of poverty on children's socioemotional development: an ecological systems analysis. *Social Work*, 46(3), 256-266. <https://doi.org/10.1093/sw/46.3.256>
- Ebrahimi, L., Amiri, M., Mohamadlou, M., & Rezapur, R. (2017). Attachment styles, parenting styles, and depression. *International Journal of Mental Health and Addiction*, 15(5), 1064–1068. <https://doi.org/10.1007/s11469-017-9770-y>
- Eisenberg, N. (2002). The Socialization of Socioemotional Competence. In D. Pushkar, W. Bukowski, A. Schwartzman, D. Stack, D. White (eds), *Improving Competence across the Lifespan*. Springer. https://doi.org/10.1007/0-306-47149-3_5

- Farkas, C., Vallotton, C. D., Strasser, K., Santelices, M. P., & Himmel, E. (2017). Socioemotional skills between 12 and 30 months of age on Chilean children: When do the competences of adults matter? *Infant Behavior & Development*, 49, 192–203. <https://doi.org/10.1016/j.infbeh.2017.09.010>
- Feeney, J. A. (2002). Attachment-related dynamics: What can we learn from self-reports of avoidance and anxiety? *Attachment & Human Development*, 4(2), 193–200. <https://doi.org/10.1080/14616730210157475>
- Fingerman, K. L., Kim, K., Davis, E. M., Furstenberg, F. F., Birditt, K. S., & Zarit, S. H. (2015). “I’ll give you the world”: socioeconomic differences in parental support of adult children. *Journal of Marriage and Family*, 77(4), 844–865. <https://doi.org/10.1111/jomf.12204>
- Fletcher, H. A., & Gallichan, D. J. (2016). An Overview of Attachment Theory. In H. Fletcher, A. Flood, & D. Hare ,(1^a ed.), *Attachment in Intellectual and Developmental Disability: A Clinician’s Guide to Practice and Research*, 8–32. <https://doi.org/10.1002/9781118938119.ch2>
- Fletcher, J. M., & Wolfe, B. (2016). The importance of family income in the formation and evolution of non-cognitive skills in childhood. *Economics of Education Review*, 54, 143–154. <https://doi.org/10.1016/j.econedurev.2016.07.004>
- Fraley, R. C., Hudson, N. W., Heffernan, M. E., & Segal, N. (2015). Are adult attachment styles categorical or dimensional? A taxometric analysis of general and relationship-specific attachment orientations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 109(2), 354–368. <https://doi.org/10.1037/pspp0000027>
- Friedson, M. (2016). Authoritarian parenting attitudes and social origin: The multigenerational relationship of socioeconomic position to childrearing values. *Child Abuse & Neglect*, 51, 263–275. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2015.10.001>
- Fung, W. K., Chung, K. C., & Cheng, R. (2018). Gender differences in social mastery motivation and its relationships to vocabulary knowledge, behavioral self-regulation, and socioemotional skills. *Early Education and Development*, 30(2), 280–293. <https://doi.org/10.1080/10409289.2018.1544004>
- Gondim, S. M. G., De Moraes, F. A., & Brantes, C. D. a. A. (2014). Competências socioemocionais: fator-chave no desenvolvimento de competências para o trabalho. *Revista Psicologia Organizações E Trabalho*, 14(4), 394–406. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v14n4/v14n4a06.pdf>

- Groh, A. M., Fearon, P., Van IJzendoorn, M. H., Bakermans-Kranenburg, M. J., & Roisman, G. I. (2016). Attachment in the early life course: meta-analytic evidence for its role in socioemotional development. *Child Development Perspectives*, 11(1), 70– 76.
<https://doi.org/10.1111/cdep.12213>
- Halberstadt, A. G., Denham, S. A., & Dunsmore, J. C. (2001). Affective social competence. *Social Development*, 10(1), 79–119. <https://doi.org/10.1111/1467-9507.00150>
- Hanson, M. M., & Chen, E. (2007). socioeconomic status and health behaviors in adolescence: a review of the literature. *Journal of Behavioral Medicine*, 30(3), 263–285. <https://doi.org/10.1007/s10865-007-9098-3>
- Hassan, M., Malik, A. S., Sang, G., Rizwan, M., Mushtaque, I., & Naveed, S. (2022). Examine the parenting style effect on the academic achievement orientation of secondary school students: The moderating role of digital literacy. *Frontiers in Psychology*, 13.
<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.1063682>
- Hoff, E., & Laursen, B. (2019). Socioeconomic status and parenting. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Biology and ecology of parenting* (pp. 421–447). Routledge/Taylor & Francis Group. <https://doi.org/10.4324/9780429401459-13>
- Hoghugh, M. (2004). Parenting - an introduction. In M. Hoghugh & N. Long (1st ed.), *Handbook of Parenting: Theory and Research for Practice* (pp. 1-17). SAGE Publications, Ltd.
https://sk.sagepub.com/reference/hdbk_parenting
- Hollingshead, A. A. (1975). *Four-factor index of social status*. Unpublished manuscript, Yale University, New Haven, CT.
https://sociology.yale.edu/sites/default/files/files/yjs_fall_2011.pdf
- Hosokawa, R., & Katsura, T. (2018). Socioeconomic status, emotional/behavioral difficulties, and social competence among preschool children in Japan. *Journal of Child and Family Studies*, 27(12), 4001-4014. <https://doi.org/10.1007/s10826-018-1231-0>
- Jabeen, F., Anis-Ul-Haque, M., & Riaz, M. (2013). parenting styles as predictors of emotion regulation among adolescents. *Pakistan Journal of Psychological Research*, 28(1), 85–105. <https://www.pjprnip.edu.pk/index.php/pjpr/article/view/495>
- Jack, G. (2000). Ecological influences on parenting and child development. *British Journal of Social Work*, 30(6), 703–720. <https://doi.org/10.1093/bjsw/30.6.703>
- Jackson, A. P., Preston, K. S. J., & Thomas, C. (2013). Single mothers, nonresident fathers, and preschoolers' socioemotional development: social support, psychological

- well-being, and parenting quality. *Journal of Social Service Research*, 39(1), 129–140. <https://doi.org/10.1080/01488376.2012.723241>
- Kazemi, A., Ardabili, H. E., & Solokian, S. (2010). The Association between social competence in adolescents and mothers' parenting style: a cross sectional study on iranian girls. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 27(6), 395–403. <https://doi.org/10.1007/s10560-010-0213-x>
- Kivimäki, M., Hamer, M., Pentti, J., Shipley, M. J., Sipilä, P. N., Nyberg, S. T., Suominen, S., Oksanen, T., Stenholm, S., Virtanen, M., Marmot, M., Singh-Manoux, A., Brunner, E. J., Lindbohm, J. V., Ferrie, J. E., & Vahtera, J. (2020). Association between socioeconomic status and the development of mental and physical health conditions in adulthood: a multi-cohort study. *The Lancet Public Health*, 5(3), e140–e149. [https://doi.org/10.1016/s2468-2667\(19\)30248-8](https://doi.org/10.1016/s2468-2667(19)30248-8)
- Kobak, R., & Bosmans, G. (2019). Attachment and psychopathology: a dynamic model of the insecure cycle. *Current Opinion in Psychology*, 25, 76-80. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6138578/>
- Koehn, A. J., & Kerns, K. A. (2017). Parent–child attachment: meta-analysis of associations with parenting behaviors in middle childhood and adolescence. *Attachment & Human Development*, 20(4), 378–405. <https://doi.org/10.1080/14616734.2017.1408131>
- Kuppens, S., & Ceulemans, E. (2018). Parenting styles: a closer look at a well-known concept. *Journal of Child and Family Studies*, 28(1), 168–181. <https://doi.org/10.1007/s10826-018-1242-x>
- Lavrič, M., & Naterer, A. (2020). The power of authoritative parenting: A cross-national study of effects of exposure to different parenting styles on life satisfaction. *Children and Youth Services Review*, 116, 105274. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2020.105274>
- Levy, K. N., Ellison, W. T., Scott, L. N., & Bernecker, S. L. (2010). Attachment style. *Journal of Clinical Psychology*, 67(2), 193–203. <https://doi.org/10.1002/jclp.20756>
- Low, A. M., & Hymel, S. (2020). Interface of emotion and social competence. *The Encyclopedia of Child and Adolescent Development*, 1–12. <https://doi.org/10.1002/9781119171492.wecad173>
- Luo, S., Liu, Y., & Zhang, D. (2019). Socioeconomic status and young children's problem behaviours – mediating effects of parenting style and psychological *suzhi*. *Early Child Development and Care*, 191(1), 148-158. <https://doi.org/10.1080/03004430.2019.1608196>

- Manning, R. P., Dickson, J. M., Palmier-Claus, J., Cunliffe, A., & Taylor, P. J. (2017). A systematic review of adult attachment and social anxiety. *Journal of Affective Disorders*, 211, 44–59. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2016.12.020>
- Manzeske, D., & Stright, A. D. (2009). Parenting styles and emotion regulation: the role of behavioral and psychological control during young adulthood. *Journal of Adult Development*, 16(4), 223–229. <https://doi.org/10.1007/s10804-009-9068-9>
- Masud, H., Ramayah, T., & Ahmad, M. (2014). Parenting styles and academic achievement of young adolescents: A systematic literature review. *Quality & Quantity*, 49(6), 2411–2433. <https://doi.org/10.1007/s11135-014-0120-x>
- Marôco, J. (2018). *Análise Estatística com o SPSS Statistics* (7th ed.). Pêro Pinheiro. www.reportnumber.pt/ae
- McBrien, A., Wild, M. G., & Bachorowski, J. (2018). Social–emotional expertise (SEE) scale: development and initial validation. *Assessment*, 27(8), 1718–1730. <https://doi.org/10.1177/1073191118794866>
- Mihret, A. M., Dilgasa, G. S., & Mamo, T. H. (2019). parenting style as correlates of adolescents' academic achievement motivation of bate secondary school, Haramaya, Ethiopia. *International Journal of Education and Literacy Studies*, 7(2), 172. <https://doi.org/10.7575/aiac.ijels.v.7n.2p.172>
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2019). Attachment orientations and emotion regulation. *Current Opinion in Psychology*, 25, 6-10. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2018.02.006>
- Mónaco, E., Schoeps, K., & Montoya-Castilla, I. (2019). Attachment styles and well-being in adolescents: how does emotional development affect this relationship? *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(14), 2554. <https://doi.org/10.3390/ijerph16142554>
- Moorman, S. M., Carr, K., & Greenfield, E. A. (2018). Childhood socioeconomic status and genetic risk for poorer cognition in later life. *Social Science & Medicine*, 212, 219–226. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2018.07.025>
- Moreno-Maldonado, C., Ramos, P., Moreno, C., & Rivera, F. F. (2019). direct and indirect influences of objective socioeconomic position on adolescent health: the mediating roles of subjective socioeconomic status and lifestyles. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(9), 1637. <https://doi.org/10.3390/ijerph16091637>

- Morris, A. S., Silk, J. S., Steinberg, L., Myers, S. S., & Robinson, L. R. (2007). The role of the family context in the development of emotion regulation. *Social Development*, 16(2), 361–388. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2007.00389.x>
- Mota, C. P., & Ferreira, S. (2019). Estilos parentais, competências sociais e o papel mediador da personalidade em adolescentes e jovens adultos. *Análise Psicológica*, 37(3), 269–284. <https://doi.org/10.14417/ap.1548>
- Muñoz, J. R., Braza, P., Carreras, R., Braza, F., Azurmendi, A., Pascual-Sagastizabal, E., Cardas, J., & Sánchez-Martín, J. R. (2017). Daycare center attendance buffers the effects of maternal authoritarian parenting style on physical aggression in children. *Frontiers in Psychology*, 8(391). <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.00391>
- Ndengeyingoma, A., Jacob, M. M., Beaulieu-Kratchanov, V., & Séguin, M. (2022). Parenting competencies supporting the development of social and emotional skills of children - a scoping review. *Trends in Psychology*. <https://doi.org/10.1007/s43076-022-00194-3>
- Nunes, F., & Mota, C. P. (2018). parenting styles and dimensions questionnaire — adaptação da versão portuguesa de heterorrelato. *Revista Colombiana De Psicologia*. <https://doi.org/10.15446/rcp.v27n1.64621>
- Payton, J. L., Wardlaw, D. M., Graczyk, P. A., Bloodworth, M. R., Tompsett, C. J., & Weissberg, R. P. (2000). Social and emotional learning: a framework for promoting mental health and reducing risk behavior in children and youth. *Journal of School Health*, 70(5), 179–185. <https://doi.org/10.1111/j.1746-1561.2000.tb06468.x>
- Pinquart, M. (2017). Associations of parenting dimensions and styles with externalizing problems of children and adolescents: An updated meta-analysis. *Developmental Psychology*, 53(5), 873–932. <https://doi.org/10.1037/dev0000295>
- Pinquart, M., & Gerke, D. (2019). Associations of parenting styles with self-esteem in children and adolescents: a meta-analysis. *Journal of Child and Family Studies*, 28(8), 2017–2035. <https://doi.org/10.1007/s10826-019-01417-5>
- Power, T. J. (2013). Parenting Dimensions and Styles: A brief history and recommendations for future research. *Childhood Obesity*, 9(1), 21. <https://doi.org/10.1089/chi.2013.0034>
- Premo, J. E., & Kiel, E. J. (2016). Maternal depressive symptoms, toddler emotion regulation, and subsequent emotion socialization. *Journal of Family Psychology*, 30(2), 276–285. <https://doi.org/10.1037/fam0000165>

- Ravitz, P., Yang, L., Hunter, J., Sthankiya, B., & Lancee, W. J. (2010). Adult attachment measures: A 25-year review. *Journal of Psychosomatic Research*, 69(4), 419–432. <https://doi.org/10.1016/j.jpsychores.2009.08.006>
- Repetti, R. L., Sears, M. S., & Bai, S. (2015). Social and emotional development. in the context of the family. In J. Wright (2^a ed), *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences: Second Edition* (pp. 156-161). Elsevier. <https://doi.org/10.1016/B978-0-08-097086-8.23046-8>
- Robinson, C. C., Mandleco, B., Olsen, S. F., & Hart, C. H. (1995). Authoritative, Authoritarian, and Permissive Parenting Practices: Development of a New Measure. *Psychological Reports*, 77(3), 819–830. <https://doi.org/10.2466/pr0.1995.77.3.819>
- Ross, K. B., & Tolan, P. H. (2017). Social and emotional learning in adolescence: testing the casel model in a normative sample. *Journal of Early Adolescence*, 38(8), 1170–1199. <https://doi.org/10.1177/0272431617725198>
- Roubinov, D. S., & Boyce, W. H. (2017). Parenting and SES: relative values or enduring principles? *Current Opinion in Psychology*, 15, 162–167. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2017.03.001>
- Roy, M., & Giraldo-García, R. J. (2018). The role of parental involvement and social/emotional skills in academic achievement: global perspectives. *School Community Journal*, 28(2), 29–46. <http://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1201955.pdf>
- Rudy, D., & Grusec, J. E. (2001). Correlates of authoritarian parenting in individualist and collectivist cultures and implications for understanding the transmission of values. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32(2), 202-212. <https://doi.org/10.1177/0022022101032002007>
- Sá, V. (2017). Estilos Parentais e Compreensão Emocional de Crianças Em Idade Pré-escolar [Master's thesis, Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10071/15436>
- Salavera, C., & Quílez-Robres, A. (2022). Exploring the effect of parental styles on social skills: the mediating role of affects. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 19(6), 3295. <https://doi.org/10.3390/ijerph19063295>
- Salovey, P., & Grewal, D. (2005). The science of emotional intelligence. *Current Directions in Psychological Science*, 14(6), 281-285. <https://doi.org/10.1111/j.0963-7214.2005.00381.x>
- Salovey, P., & Mayer, J. E. (1990). Emotional intelligence. *Imagination, Cognition and Personality*, 9(3), 185–211. <https://doi.org/10.2190/dugg-p24e-52wk-6cdg>

- Sanders, M. R., & Morawska, A. (2018). *Handbook of Parenting and Child Development Across the Lifespan*. Springer.
<https://link.springer.com/book/10.1007/978-3-319-94598-9>
- Santos, M. O. D., Da Silva, T. D., Spadari, G. F., & De Cássia Nakano, T. (2018). Competências Socioemocionais: Análise da Produção Científica Nacional e Internacional. *Gerais*. <https://doi.org/10.36298/gerais2019110102>
- Schoon, I. (2021). Towards an integrative taxonomy of social-emotional competences. *Frontiers in Psychology*, 12. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.515313>
- Segrin, C., & Flora, J. (2019). Fostering social and emotional intelligence: What are the best current strategies in parenting? *Social and Personality Psychology Compass*, 13(3), e12439. <https://doi.org/10.1111/spc3.12439>
- Shaffer, A., Suveg, C., Thomassin, K., & Bradbury, L. (2011). Emotion socialization in the context of family risks: links to child emotion regulation. *Journal of Child and Family Studies*, 21(6), 917–924. <https://doi.org/10.1007/s10826-011-9551-3>
- Shaver, P., & Mikulincer. (2009). An overview of adult attachment theory. In J. Obegi & E. Berant (1^a ed.), *Attachment Theory and Research in Clinical Work with Adults* (17-39). The Guilford Press. <https://psycnet.apa.org/record/2009-02347-000>
- Sharif, S. P., Amiri, M. R., Allen, K., Nia, H. S., Fomani, F. K., Matbue, Y. H., Goudarzian, A. H., Arefi, S., Yaghoobzadeh, A., & Waheed, H. (2021). Attachment: the mediating role of hope, religiosity, and life satisfaction in older adults. *Health and Quality of Life Outcomes*, 19(1). <https://doi.org/10.1186/s12955-021-01695-y>
- Shi, J., Qiu, H., & Ni, A. (2023). The moderating role of school resources on the relationship between student socioeconomic status and social-emotional skills: empirical evidence from China. *Applied Research in Quality of Life*.
<https://doi.org/10.1007/s11482-023-10188-7>
- Silva, M., & Costa, M. (2014). Vinculação aos pais e ansiedade em jovens adultos. *Psicologia*, 18(2), 9. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v18i2.428>
- Simões, S., Farate, C., & Pocinho, M. (2011). Estilos educativos parentais e comportamentos de vinculação das crianças em idade escolar. *Interações: Sociedade e as Novas Modernidades*, 11(20).
<https://www.interacoes-ismt.com/index.php/revista/article/view/275>
- Smetana, J. G. (2017). Current research on parenting styles, dimensions, and beliefs. *Current Opinion in Psychology*, 15, 19–25. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2017.02.012>

- Spera, C. (2005). A Review of the relationship among parenting practices, parenting styles, and adolescent school achievement. *Educational Psychology Review*, 17(2), 125–146. <https://doi.org/10.1007/s10648-005-3950-1>
- Thompson, R. A. (1993). Socioemotional Development: enduring issues and new challenges. *Developmental Review*, 13(4), 372–402
<https://doi.org/10.1006/drev.1993.1018>
- Thompson, R. A., & Virmani, E. (2012). Socioemotional Development. In *Elsevier eBooks* (pp. 504–511). <https://doi.org/10.1016/b978-0-12-375000-6.00339-6>
- Trentacosta, C. J., & Fine, S. (2010). Emotion knowledge, social competence, and behavior problems in childhood and adolescence: a meta-analytic review. *Social Development*, 19(1), 1–29. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2009.00543.x>
- Valente, S. (2019). Competências socioemocionais: O emergir da mudança necessária. *Revista Diversidades*, 55, 10-15. <http://hdl.handle.net/10174/32106>
- Vukojević, M., Zovko, A., Talić, I., Tanović, M., Rešić, B., Vrdoljak, I., & Splavski, B. (2017). Parental socioeconomic status as a predictor of physical and mental health outcomes in children - literature review. *Acta Clínica Croatica*, 743-74.
<https://doi.org/10.20471/acc.2017.56.04.23>
- Walker, S. R., Double, K. S., Kunst, H., Zhang, M. Q., & MacCann, C. (2022). Emotional intelligence and attachment in adulthood: A meta-analysis. *Personality and Individual Differences*, 184, 111174. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2021.111174>
- Wang, J., & Geng, L. (2019). Effects of socioeconomic status on physical and psychological health: lifestyle as a mediator. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(2), 281. <https://doi.org/10.3390/ijerph16020281>
- Wardle, J., Jarvis, M. J., Steggle, N., Sutton, S. R., Williamson, S., Farrimond, H., Cartwright, M., & Simon, A. R. (2003). Socioeconomic disparities in cancer-risk behaviors in adolescence: baseline results from the health and behaviour in teenagers study (HABITS). *Preventive Medicine*, 36(6), 721–730.
[https://doi.org/10.1016/s0091-7435\(03\)00047-1](https://doi.org/10.1016/s0091-7435(03)00047-1)
- Weber, L. N. D., Prado, P. I., Viezzer, A. P., & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia-reflexao E Critica*, 17(3), 323–331. <https://doi.org/10.1590/s0102-79722004000300005>
- Wischerth, G. A., Mulvaney, M. K., Brackett, M. A., & Perkins, D. M. (2016). The adverse influence of permissive parenting on personal growth and the mediating role of

- emotional intelligence. *Journal of Genetic Psychology*, 177(5), 185–189.
<https://doi.org/10.1080/00221325.2016.1224223>
- Xia, X. (2020). Parenting style and Chinese children's school readiness outcomes: The moderating role of socioeconomic status. *Children and Youth Services Review*, 118, 105381. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2020.105381>
- Yang, Y., Song, Q., Doan, S. N., & Wang, Q. (2020). Maternal reactions to children's negative emotions: Relations to children's socio-emotional development among European American and Chinese immigrant children. *Transcultural Psychiatry*, 57(3), 408–420. <https://doi.org/10.1177/1363461520905997>
- Zhang, Y., Miller, M., & Halgunseth, L. C. (2023). Parenting styles and children's development: A review of the literature. In *Elsevier eBooks* (pp. 609–619).
<https://doi.org/10.1016/b978-0-12-818872-9.00082-0>
- Zych, I., Ortega-Ruiz, R., Muñoz-Morales, R., & Llorent, V. J. (2018). Dimensions and psychometric properties of the social and emotional competencies questionnaire (SEC-Q) in youth and adolescents. *Revista Latinoamericana De Psicología*, 50(2).
<https://doi.org/10.14349/rlp.2018.v50.n2.3>

ANEXOS

**ANEXO I -
QUESTIONÁRIO
SOCIODEMOGRÁFICO**

IV. As seguintes questões têm como objetivo recolher alguns dados sociodemográficos no que diz respeito a ti e aos teus pais. Responde com a opção que mais se adequa.

Sexo *

- ☐ Homem
- ☐ Mulher
- ☐ Prefiro não dizer

Idade *

por ex. 23

Nacionalidade *

Ocupação (Ex. Estudante; Trabalhador) *

Caso sejas estudante, indica o ano em que te encontras.

Estado Civil dos pais *

- ☐ Solteiro
- ☐ Casado
- ☐ Divorciado
- ☐ Viúvo

Habilitações literárias do pai (Indica o grau e ano) *

Ex: 1º ciclo do ensino básico - 4º ano

Habilitações literárias da mãe (Indica o grau e o ano) *

Profissão/Ocupação do pai *

Profissão/Ocupação da mãe *